

UFSM

Dissertação de Mestrado

A EXPRESSÃO DA IDEOLOGIA NO ARTIGO DO MESTRE

Licéria Wojtowicz

PPGL

**UFSM
Santa Maria, RS, Brasil
2004**

A EXPRESSÃO DA IDEOLOGIA NO ARTIGO DO MESTRE

por

Licéria Wojtowicz

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Lingüísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de

Mestre em Letras.

PPGL

**Santa Maria, RS, Brasil
2004**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Artes e Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação de Mestrado

A EXPRESSÃO DA IDEOLOGIA NO ARTIGO DO MESTRE

elaborada por

Licéria Wojtowicz

como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Letras

COMISSÃO EXAMINADORA:

Nina Célia Almeida de Barros
(Presidente/Orientadora)

Désirée Motta-Roth

Claudia

“Quanta verdade ousa, quanta verdade suporta um espírito”
(Nietzsche, *Ecce Homo*).

Dedico este trabalho aos meus filhos Matheus e Douglas por serem a grande motivação de minha vida.

AGRADECIMENTOS

À Professora Nina Célia Barros pela presença amiga, pela paciência e pelos conhecimentos compartilhados ao longo deste trabalho.

Aos demais professores do curso pelos ensinamentos.

Ao Colégio Militar pelas dispensas concedidas para a realização do curso.

À amiga Liane pela prontidão em ajudar-me na parte de computação e pela presença confiante.

Ao meu marido Roberto pela compreensão nos momentos difíceis.

À Universidade Federal de Santa Maria pela oportunidade de realização do curso.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I – Questionário	88
ANEXO II – O amor e a sabedoria tornam a vida feliz – 10/96	89
ANEXO III – A verdade da inexistência da doença – 11/00	91
ANEXO IV – O corpo carnal – 04/01	94
ANEXO V – A parábola do Keihoju – 11/02.....	97
ANEXO VI – A relação entre vida e sabedoria – 07/03	100
ANEXO VII – Descubra a riqueza infinita de sua imagem verdadeira – 08/03	106
ANEXO VIII – Reverência à vida é a base do ensinamento do mestre (1) – 09/03	110
ANEXO IX – Reverência à vida é a base do ensinamento do mestre (2) – 10/03	114
ANEXO X – Nossa vida evolui constantemente – 11/03	118
ANEXO XI – O mundo fenomênico é um mundo de progresso infinito – 01/04	121
ANEXO XII – Cultive seu ideal e realize grandes obras – 02/04	123
ANEXO XIII – Vamos nos divertir com as dificuldades – 03/04	125

SUMÁRIO

RESUMO.....	iv
ABSTRACT.....	v
LISTA DE ANEXOS	vi
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	5
1.1 Gênero, discurso, texto e contexto	5
1.2 Discurso de auto-ajuda	11
1.3 Discurso religioso	14
1.4 Ideologia: uma abordagem multidisciplinar	18
1.5 Uma estratégia de análise ideológica	23
1.6 Diagramação e título do texto	27
1.7 Estruturas textuais básicas e relações oracionais	30
1.8 Ethos e autoridade	32
1.9 Marcadores argumentativos	33
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE ANÁLISE	37
2.1 Seleção do corpus	37
2.2 Passos de análise	37
CAPÍTULO 3 – FATORES DE CONTEXTUALIZAÇÃO	39
3.1 Variáveis contextuais	39
3.2 Critérios identificadores do grupo	43
3.3 Oposição NÓS X ELES	51
CAPÍTULO 4 – O ARTIGO E O MESTRE	56
4.1 Características formais	56
4.2 A figura do mestre	59

4.3 Estruturação básica dos textos	61
4.4 Modalidades retóricas	64
CAPÍTULO 5 – AÇÕES, CONEXÕES E MODALIZADORES	68
5.1 Atos de fala	68
5.2 Conexões oracionais e modalização	70
5.2.1 Relações de causa-conseqüência	71
5.2.2 Relações de oposição	72
5.2.3 Relações condicionais	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
ANEXOS	88

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

A EXPRESSÃO DA IDEOLOGIA NO ARTIGO DO MESTRE

Autora: Licéria Wojtowicz

Orientadora: Nina Célia Almeida de Barros

Data e Local da Defesa: Santa Maria, xx julho de 2004.

Os gêneros textuais como eventos comunicativos têm despertado o interesse de pesquisadores nos processos que envolvem a sua manifestação. O Artigo do Mestre da revista *Fonte de Luz* da Seicho-no-Ie, do período de outubro de 1996 a março de 2004, de autoria do mestre Masaharu Taniguchi, foi escolhido como *corpus*. Teun van Dijk (2000) foi tomado aqui como base para chegar às estruturas capazes de veicular a ideologia. O trabalho também se fundamentou nos pressupostos de Meurer, (1997a, 1997b, 1998, 2002), sobre a distinção entre gênero textual e modalidade retórica e nos conceitos de Halliday & Hasan (1989) sobre a relação de texto e contexto. A questão da religião tomou como base os estudos de Orlandi (1987a, 1987b), e os conceitos de auto-ajuda fundamentaram-se nas obras de Chagas (1999/2002). Observou-se a ocorrência das estruturas textuais básicas situação-avaliação e hipotético-real. Em relação aos atos de fala, houve a predominância de perguntas, asserção e da ameaça. Na análise microestrutural, constatou-se que os modalizadores, o pronome *nós* e o conector *se*, dentre outras estruturas discursivas, veiculam significados ideológicos. Observou-se a freqüência da modalidade retórica narrativa, descritiva, exortativa e expositiva. Este trabalho pretende contribuir para os estudos na área da linguagem ao descrever um gênero de orientação religiosa e trazer à discussão questões ideológicas implícitas no discurso do mestre, bem como explicitar como as representações sociais e religiosas se evidenciam nos gêneros que circulam na sociedade e se perpetuam através da linguagem.

Palavras-chave: gênero textual, discurso religioso, ideologia.

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

A EXPRESSÃO DA IDEOLOGIA NO ARTIGO DO MESTRE

(THE EXPRESSION OF IDEOLOGY IN THE MASTER'S ARTICLE)

AUTHOR: LICÉRIA WOJTOWICZ

ADVISOR: NINA CÉLIA ALMEIDA DE BARROS

Textual genres, while communicative events, have been the focus of interest of researchers who aim at explaining the process involved in their manifestation. The Master's Article of the Sheicho-No-le *Fonte de Luz* issue was chosen as *corpus*. Texts that were published from October 1996 to March 2004, signed by Masaharu Taniguchi were selected to verify the features which comprise these texts as textual genres. Teun van Dijk was chosen as the basis for the analysis of certain structures which can portray ideology. The analysis was also supported by Meurer (1997a, 1997b, 1998, 2002) on a distinction between textual genre and rhetorical mode, and on the concepts of Halliday & Hasan (1998) about the relation of text and context. The religious issue was based on the studies of Orlandi (1987), and the concepts of self-help were supported by Chagas (1999, 2002). It was observed the occurrence of basic textual structures of situation-problem-evaluation-solution and hypotheticality. In relation to speech acts there was a prevalence of questions, statements and threatening. In the microstructural analysis it was observed that the modalizers, the pronoun *we*, and the connector *if*, among other discursive structures, portray ideological meanings. It was also observed the narrative, description, exhortation and exposition as rhetorical mode. This study intends to contribute to researches in the area of language, through the description of a religious-oriented genre, and to bring some light into the discussions of ideologycal issues, which are implicit in the master's discourse, as well as, to show how social and religious representations are expressed in genres, which are part of the society, and which are perpetuated through language.

Keywords: textual genre, religious discourse, ideology.

INTRODUÇÃO

Em março de 1930, foi publicado, no Japão, o primeiro número da revista Seicho-No-Ie, por Masaharu Taniguchi, o autor do artigo do mestre, fruto de anos de pesquisa sobre religiões e espiritualidade. O Movimento baseia-se numa filosofia otimista de vida e na conscientização da preciosidade da vida, a crença essencial de que somente o mundo da Imagem Verdadeira criada por Deus é realidade, e de que o homem criado por Deus já possui todas as virtudes: sabedoria infinita, amor infinito, provisão infinita, vida infinita, alegria infinita e harmonia infinita, bastando a conscientização para que isso se manifeste.

Segundo o movimento, ao visualizar o mundo da Imagem Verdadeira, o homem passa a ter uma vida divina, mesmo vivendo neste mundo. No mundo da Imagem Verdadeira, o homem, filho de Deus, é isento de pecado, de doença e é livre da miséria, do sofrimento e das angústias.

A Seicho-No-Ie foi oficialmente introduzida no Brasil, em 1955, e conta com cerca de quatro milhões de adeptos. Após o falecimento de Masaharu Taniguchi, seu genro e herdeiro espiritual, Seicho Taniguchi, passou a ser o Supremo Presidente da Seicho-No-Ie, ampliando a organização.

A Seicho-No-Ie enfatiza que todas as verdadeiras religiões são emanadas de um só Deus universal. Embora as religiões tenham pregado a Verdade de diferentes formas, dependendo da época e do lugar, todas elas são luzes de salvação emanadas de um único Deus criador. Portanto, todas as verdadeiras religiões se identificam na sua essência.

No Brasil, a Seicho-No-Ie edita três revistas mensais, *Fonte de Luz*, *Pomba Branca* e *Mundo Ideal*, cuja tiragem somada chega ao montante de 600 mil exemplares por mês. Uma característica peculiar da Seicho-No-Ie é a divulgação através da literatura. O Mestre Masaharu Taniguchi, fundador da Seicho-No-Ie, publicou o livro *A Verdade da Vida*, uma coletânea constituída de 40 volumes, além de mais de 400 livros escritos sob inspiração divina. O atual Supremo Presidente, professor Seicho Taniguchi, também tem mais de 100

livros publicados. Editados pela Seicho-No-Ie do Brasil, aproximadamente 200 títulos já estão publicados em idioma português.

Os objetivos desta pesquisa são discutir o conceito interdisciplinar de ideologia, conforme proposição de van Dijk (2000), e focalizar o modo como a ideologia é expressa num determinado gênero: o artigo do mestre. Faremos o levantamento das recorrências que dão aos artigos do mestre o status de gênero, examinando a sua configuração contextual, estrutura textual básica, relações oracionais e manifestações ideológicas.

Teun van Dijk, tomado aqui como base, apresentou várias estruturas capazes de veicular, explícita ou implicitamente a ideologia: significado, estruturas proposicionais, estruturas formais, sintaxe da sentença, formas do discurso, argumentação, retórica, ação e interação, que serão discutidas ao longo do trabalho.

A argumentação, vista como um tipo de interação social, tem como seu maior objetivo assegurar a adesão do receptor/destinatário a uma tese ou conclusão. Tendo como caráter a modificação de um estado preexistente, é largamente utilizada em discursos religiosos. Há uma estreita relação entre o ato de argumentar e a audiência, que avalia crenças ou idéias como verdadeiras ou falsas, positivas ou negativas; daí a sua validade depender do efeito que produz nos indivíduos a que se destina.

Para desenvolver seu ponto de vista, o argumentador utiliza-se de estratégias já descritas pela Nova Retórica, de numerosos recursos lingüísticos, analisados pela Lingüística Textual, em um formato específico, estudado pela Análise de Gêneros. Assim, especialmente essas áreas de conhecimento unem-se aos estudos de van Dijk no campo da expressão da ideologia.

Como o discurso reflete a ideologia de determinada instituição ou pessoa, bem como a hegemonia do poder de uns sobre os outros, e o texto é a parte física, a organização lingüística que serve de base para a expressão de valores culturais, espirituais, sociais e políticos, segue-se que diferentes textos

criados dentro do discurso de diferentes instituições visam atingir determinado fim, seja ele político, ideológico, social ou religioso.

Então, os textos produzidos dentro de um determinado contexto, neste caso, o religioso, devem suprir as necessidades de expressão dessa instituição. Aqui, então, podemos achar as regularidades do discurso e conseqüentemente do texto, no caso, escrito.

Devido ao grande interesse despertado pelos estudos de gênero, considera-se relevante descrever as características expressas no gênero do Artigo do Mestre da Organização Seicho-No-Ie, uma vez que uma das revistas mensais, a *Fonte De Luz*, que divulga suas idéias, tem tiragem significativa (315.000 exemplares).

Justifica-se, pois, esta pesquisa, na medida em que os analistas do texto e do discurso devem dar conta dos diversos tipos de produção textual que circulam na sociedade. Sendo assim, é importante observar as relações sociais implícitas neste gênero que podem servir como forma de manter e transmitir valores e conceitos na sociedade.

Este trabalho se organiza da seguinte maneira: o primeiro capítulo apresenta a fundamentação teórica do trabalho: concepções de texto, contexto, discurso, ideologia, organização global do texto, estratégias e marcadores argumentativos.

O segundo capítulo apresenta a metodologia de análise, com detalhes sobre a seleção do corpus e os passos de análise, que combinam tópicos previstos por van Dijk para a expressão da ideologia em textos.

No terceiro capítulo, analisamos os critérios de identificação dos membros do grupo da organização Seicho-No-Ie. No quarto capítulo, enfatizamos o valor da figura do mestre na organização global do artigo. Finalmente, no quinto capítulo, os atos de fala executados pelo mestre, bem como as conexões e a modalização expressa nos textos são avaliados.

Além da abordagem ideológica sustentada por van Dijk (2000), a análise será fundamentada nos pressupostos de Meurer, (1997a, 1997b, 1998, 2002), sobre a distinção entre gênero textual e modalidade retórica e nos conceitos de

Halliday & Hasan (1989) sobre a relação de texto e contexto. Em Maingueneau (2001) e Marchuschi (2002) pesquisaremos as características de gênero. Com base em Perelman e Tyteca (1996), trataremos das estratégias argumentativas da referida publicação. Em Neves (2000), buscaremos o funcionamento de uma estrutura oracional recorrente no artigo do mestre, a condicional. A questão da religião terá como base os estudos de Orlandi (1987a, 1987b), e o texto de auto-ajuda será fundamentado nas obras de Chagas (1999/2002).

Para constituir o *corpus* da pesquisa, selecionamos artigos constantes da revista *Fonte de Luz*, da Seicho-No-Ie do Brasil. Essa revista tem publicação mensal e é dividida em 7 seções, cujos textos de cunho filosófico-religioso são de autoria do Mestre Masaharu Taniguchi, idealizador e responsável pela filosofia de “iluminação da humanidade”. A seção foi escolhida para análise pelo fato de ser escrita pelo fundador da revista, que é também a autoridade suprema da instituição.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O objetivo deste capítulo é apresentar contribuições de pesquisas da área da análise de gênero à abordagem de van Dijk. Iniciamos com a discussão dos conceitos de gênero, texto e discurso e passamos para a questão do discurso de auto-ajuda e da religião. Essa distinção se faz necessária, porque não há consenso quanto à classificação do discurso da Seicho-No-Ie, se é religioso ou de auto-ajuda.

1.1 Gênero, discurso, texto e contexto

Na área da análise de gênero, há duas correntes que consideram gênero de diferentes perspectivas: uma o vê como fenômeno discursivo e outra como fenômeno textual. O trabalho de Bakhtin (2000) é referência constante dos estudos relacionados a gênero. Para o autor, que usa a expressão *gênero discursivo*, “uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico” (p. 284).

Marcuschi (2002:19) dá a seguinte definição de gêneros textuais: são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social, e contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos.

Segundo o autor, os gêneros textuais não se caracterizam nem se definem por aspectos formais, sejam eles estruturais ou lingüísticos, e sim por aspectos sócio-comunicativos e funcionais (Marcuschi 2002:21), muito embora ele afirme que em alguns casos são as formas que determinam o gênero, e em outros são as funções, e que essas diferenças sugerem cautela quanto a considerar o predomínio de formas ou funções para determinar e identificar um gênero.

Definições como essas se baseiam em uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva, ou seja, tratam a língua em seus aspectos discursivo e enunciativo, e não em sua forma. O autor afirma que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto (2002:22).

A distinção entre gênero textual e tipo textual é apresentada pelo autor da seguinte forma (Marcuschi 2002:22-23): *tipo textual* designa uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Os tipos abrangem as categorias conhecidas por narração, argumentação, exposição, como uma noção vaga para referir os textos materializados que surgem em nosso cotidiano e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição; daí haver uma grande variedade de gêneros.

Já Meurer (2000:150) estabelece uma distinção diferente entre gêneros textuais e categorias como narração, descrição, exposição. Para o autor, gêneros textuais são tipos específicos de textos, como, por exemplo, artigos, editoriais, receitas, cartas, letras de músicas, etc. Os gêneros são reconhecidos por suas características funcionais e organizacionais e pelos contextos onde são utilizados. As modalidades retóricas, por sua vez, são as estratégias usadas para organizar a linguagem desses textos; são as estruturas e as funções textuais tradicionalmente reconhecidas como narrativas, descritivas, argumentativas, etc. Assim, o que Marcuschi chama de tipo textual é para Meurer modalidade retórica.

Após essa distinção entre gênero e modalidade retórica, buscamos alguns conceitos que classificam o texto a ser analisado como pertencente ao gênero artigo, o qual possui características próprias que serão apresentadas no decorrer do trabalho.

Segundo Rabaça e Barbosa (1987:51), artigo é definido como texto jornalístico interpretativo e opinativo que desenvolve uma idéia ou comenta um assunto a partir de determinada fundamentação. É geralmente assinado e deve

caracterizar-se pela naturalidade, densidade e concisão. O projeto de todo artigo é a explicação de um fato, segundo propósitos variados (informativo, interpretativo, persuasivo ou indutivo).

Marcuschi estabelece, igualmente, a diferença entre texto e discurso: texto é definido como uma entidade concreta, realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual; discurso é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva, ou seja, o discurso se realiza nos textos, ou também, os textos realizam discursos em situações institucionais, históricas, sociais e ideológicas.

Para Maingueneau (2001:52), o discurso é uma organização situada para além da frase, no sentido de que ele mobiliza estruturas de ordem diferente das da frase: segue regras de organização pertinentes a um determinado grupo social, como, por exemplo, as regras que governam a argumentação.

Em segundo lugar, o discurso é orientado no sentido do ponto de vista do locutor e da linearidade temporal; deve ter um propósito, um lugar aonde chegar e, mesmo que desvie seu curso através de digressões, sua linearidade é expressa pelo monitoramento da fala. E isto se dá a qualquer momento, e aí entramos na terceira característica do discurso, que é “uma forma de ação”, pois não só pretendemos representar o mundo com seu cenário de experiências, mas também modificar o comportamento dos outros.

O discurso é também interativo, pois a atividade verbal é uma interatividade, onde o efeito do enunciado do eu-você é percebido imediatamente e pode mudar a qualquer momento.

Não há, também, segundo esse autor, como haver um discurso fora de um contexto, pois um enunciado só existe num contexto específico, e um mesmo enunciado em diferentes contextos corresponde a dois discursos distintos.

No discurso, existe um sujeito que se posiciona com seu enunciado, responsabiliza-se pelo que diz, e também em relação ao outro. Segundo Benveniste (1989:82), a enunciação é este colocar em funcionamento a língua

por um ato individual de utilização. A enunciação pode-se definir em relação à língua como um processo de apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor e implanta o outro diante de si. Da enunciação procede a categoria de tempo e de lugar.

O discurso é certamente regido por normas, pois a atividade verbal implica normas particulares; e este só adquire significado no interior do universo de outros discursos, onde se insere e decide o próprio curso.

Quando classificamos um discurso num determinado gênero discursivo, estamos automaticamente relacionando-o ao conjunto ilimitado de discursos do mesmo gênero.

Para Maingueneau, o termo *texto* é usado quando se trata de apreender o enunciado como um todo, constituindo uma unidade coerente (p. 57), permite uma heterogeneidade, associando duas linguagens, como a dos signos lingüísticos e a dos signos icônicos (fotos, cores), e caracteriza-se basicamente por unidades verbais pertencentes a um gênero de discurso, que é um dispositivo de comunicação que só aparece quando certas condições sócio-históricas estão presentes, e integradas a uma função social, sem a qual a troca verbal seria impossível.

Meurer (1997a:16) discute os conceitos de discurso e texto, lembrando que vivemos em ambientes institucionalizados organizados, que as instituições se identificam por práticas e valores específicos expressos através da linguagem. Assim, discurso, segundo esse autor, é o conjunto de afirmações que expressam os valores e significados das diferentes instituições; texto é a própria realização lingüística em que o discurso se concretiza. O texto é a entidade física, a produção lingüística de um ou mais indivíduos; o discurso é o conjunto de princípios, valores e significados implícitos no texto.

O autor também considera que todo discurso é ideológico, contendo em si determinados modos de ver e lidar com a realidade. É também a manifestação de uma certa hegemonia, do exercício do poder de uns sobre os outros. Assim, o discurso organiza o texto e também determina como ele poderá ser, suas características, sua organização, o assunto que irá envolver.

Então, toda instituição (Igreja, Escola, etc.) possui seus discursos com implicações ideológicas, contendo em si formas específicas de conceber a realidade refletida nos textos, através dos quais as pessoas se comunicam e interagem na sociedade.

Halliday & Hasan (1989:7) consideram que texto e contexto são aspectos do mesmo processo; ou seja, existe o texto e outro texto que o acompanha e que vai além daquilo que está sendo dito ou escrito; o contexto é visto como o pano de fundo no qual o texto acontece, serve como ponte entre o texto e a situação na qual o texto acontece. Assim, o contexto precede o texto; a situação é anterior ao discurso que a descreve.

O trabalho de Halliday & Hasan foi influenciado pelas pesquisas do antropólogo Malinowski, que criou o termo *contexto de situação*, o qual engloba todo o ambiente, não só o verbal mas também a situação na qual o texto é proferido. Este princípio geral de que toda linguagem deve ser compreendida em seu contexto situacional é válida para todas as comunidades em qualquer estágio de desenvolvimento. Sendo assim, o contexto de situação é relevante para uma adequada compreensão do texto.

Para se fazer uma análise contextual, Halliday & Hasan (1989:12) propõem que se parta da interpretação do contexto de situação, considerando três tópicos: o campo, a relação e o modo do discurso, para desta forma, ampliar a definição do gênero proposta.

O campo refere-se ao que está acontecendo, em que situação os participantes do texto estão engajados, a natureza da ação social. A relação diz respeito a quem está tomando parte na interação, a natureza dos participantes, seus papéis e status, suas relações permanentes e temporárias. O modo relaciona-se ao papel da linguagem na interação, o que os participantes esperam que a linguagem possa fazer por eles naquela situação: a organização simbólica do texto, incluindo o canal e também o modo retórico, em termos das categorias como expositivo, persuasivo, didático.

Segundo Halliday & Hasan, esses conceitos servem para interpretar o contexto social do texto, o ambiente no qual os significados estão sendo permutados.

Os gêneros, vistos em sua finalidade, são atividades sociais submetidas a um critério de êxito, visam a uma modificação da situação em que atuam, e a determinação correta dessa finalidade é fundamental para a resposta de um comportamento adequado por parte do destinatário. O papel do enunciador e do destinatário já é predeterminado pelo próprio contexto, dentro de um certo lugar e num certo momento, adequados à expressão daquele gênero.

Podemos dizer, aqui, que um dos objetivos principais do artigo do mestre é o da modificação do comportamento de uma determinada audiência. Nesse caso, o papel do enunciador já está predeterminado (a instituição e seus preceitos representados na figura do mestre), bem como o do co-enunciador que irá ou não aderir ao discurso.

A natureza desse discurso é objeto de polêmica. A própria organização Seicho-No-Ie auto-intitula-se “religiosa”. No entanto, as obras da instituição são catalogadas na seção de auto-ajuda de livrarias. Por exemplo, no *site* da Livraria Siciliano, na categoria “religiões e crenças”, estão listadas obras como bíblias, candomblé, cristianismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, maçonaria, teologia, umbanda.

Já a categoria “auto-ajuda” da Livraria Siciliano lista obras sobre alquimia, anjos, aromaterapia, astrologia, cabala, cristais, do-in, espiritualismo, feng shui, florais, horóscopo chinês, I ching, magia, medicina alternativa, numerologia, ocultismo-esoterismo, parapsicologia, plantas medicinais, quiromancia, reiki, rosa cruz, seicho-no-ie, simpatias, tarô, yoga. Nessa categoria, os livros de Seicho Taniguchi, Masaharu Taniguchi e Teruko Taniguchi estão ordenados por data de lançamento.

Como não podemos desconsiderar o contexto em que as obras são oferecidas para consumo dos leitores, faremos aqui uma revisão de questões relacionadas ao discurso de auto-ajuda e ao discurso religioso.

1.2 Discurso de auto-ajuda

A literatura de auto-ajuda teve início em meados do século XIX, no momento em que se caracteriza o culto à singularidade do indivíduo moderno, e ele passa a ter um valor supremo e central na cultura do Ocidente (Chagas, 2001:33). Nasceu como resultado do desenvolvimento do individualismo moderno e do deslocamento dos referenciais coletivos para o individual, característica das sociedades industriais ou pós-industriais capitalistas com seus novos modos de produção industrial: produção em massa, mercado de consumo e, mais importante, recalçamento da cultura tradicional, na qual o sujeito já não pode mais se basear, pois os referenciais coletivos não mais oferecem um mundo seguro e estável.

Assim, o sujeito volta-se para si próprio, numa tentativa de sobreviver subjetivamente (interiormente) ao seu mal-estar, ou seja, para que possa enfrentar as adversidades do mundo contemporâneo, do progresso técnico e científico, da competição e do consumo exagerado.

O fenômeno da auto-ajuda foi caracterizado por Rüdiger (1999:5), como

textos que sistematizam princípios de conduta ética nos mais diferentes campos da vida...; um sistema com determinados conceitos, quando aplicado a sua conduta, a sua vida interior, faz com que ele alcance seus objetivos individualizados. Entendido como a tecnologia da alma, tecnologia do espírito, um conjunto de princípios e técnicas que quando aplicadas ao próprio modo de ser do indivíduo, permitem que ele chegue à concepção das metas e exigências que uma cultura individualista coloca num determinado momento histórico.

Examinaremos essa manifestação discursiva no contexto do artigo do mestre, visando caracterizar o referido artigo como literatura de auto-ajuda ou não.

Para iniciarmos esta discussão, faz-se necessária a definição de alguns termos que estão presentes ao longo deste capítulo e que são relevantes para o seu entendimento, a saber: modernidade e pós-modernidade.

Para Chagas (2002:21), a modernidade enfatizou a conquista da autonomia e liberdade individual sob orientação da razão. Buscou-se o

esclarecimento da história da humanidade e a construção (racional, consciente) do mundo – até então divino – na Terra. O período moderno voltou-se para o mundo racional, técnico, científico e cultural, visando ao desenvolvimento do poder e capacidade individuais.

Já no pós-modernismo, o indivíduo vive diante de inúmeras ofertas inspiradoras, não só de consumo, mas de orientação para a vida. O mundo pós-moderno é um mundo transitório, veloz e globalizado, um universo de construções e reconstruções, um cenário de contradições, conflitos, individualização, competição e paradoxos, uma crise mundial, econômica, política e de identidade (Chagas, 1999:10).

Segundo esse autor, o homem pós-moderno, livre e solitário, não encontrando mais um mundo social (externo) que lhe confira segurança e estabilidade, volta-se para si, para seu interior, onde espera encontrar forças para se auto-ajudar. E é aqui que entra a figura dos guias espirituais, pregadores e mestres, que possuem o dom de provocar no indivíduo o desejo de ser reconhecido, identificado e amado, pois esse homem precisa de orientação para conduzir-se na vida, necessita de uma diretriz adequada à espécie de mal-estar que está vivendo, algo que lhe dê certezas.

Em relação à pós-modernidade, Viotti *apud* Chagas (2002:35) afirma que

na pós-modernidade tudo é relativo e a única verdade é que não existe verdade; a única justiça é a igualdade; o único bem é a ausência de bem! Não há conceito que possa existir, nem ideal pelo qual se possa lutar, tudo é incerto no crepúsculo das certezas e das verdades. Isso tudo é a nadificação da existência humana, submersa na lama das mentiras que se proclamam verdadeiras, do relativo que se proclama absoluto, da contestação das normas como norma da conduta. Liberdade, igualdade, Sorbonne, ecologia, rock, drogas, Nova Era, Gnose, pirâmides e cristais, etc; forma-se a revolução pós-moderna no cadáver da modernidade. Nesse panorama tem-se uma revolução suplantando outra revolução, ou seja, a pós-modernidade substituindo a modernidade.

Segundo Chagas (2001:33), as mudanças no estilo de vida das pessoas afetam de alguma forma a produção, o trabalho e o dia-a-dia de cada indivíduo. O ritmo da vida torna-se acelerado em todos os sentidos. Os valores se

transformam: o que valia para ontem não serve mais para hoje, e os valores de hoje talvez não possam mais ter validade amanhã. Este estado de coisas acarreta novos modos de estar no mundo, de pensar, de sentir e agir. Desta forma, parece que um dos destinos do homem pós-moderno é viver intensamente o presente em busca de medidas paliativas para superar as agruras da vida, seu mal-estar oriundo desse cenário.

Afirma Chagas (2001:10) que a maioria das publicações de auto-ajuda baseia-se na valorização da estima do indivíduo, pregando a idéia de que o sucesso depende de ações que estão ao alcance de todos. A facilidade prometida pelas técnicas de auto-ajuda é atraente, fazendo com que os leitores percam o senso crítico e desconsiderem a falta de fundamentação.

Já Calligaris (2001:11) tem uma opinião mais tolerante em relação ao discurso de auto-ajuda, pois, para ele, tal discurso funciona, no máximo, como um reforço positivo que tem uma penetração superficial. Em linhas gerais, é inocente e pode ser eficaz, porque permite que o indivíduo vença uma série de inibições, dando-lhe força e coragem na vida e nas relações sociais.

De acordo com Rüdiger (1999:4-5), a literatura de auto-ajuda se confunde com o papel da Igreja, pois para ele todas as religiões se organizam de forma a garantir a salvação da alma, ou seja, daquilo que não é corpo. A literatura de auto-ajuda é um conjunto de técnicas de salvação da alma que aparece depois da quebra dos grandes sistemas religiosos, depois que a salvação não é mais esperada de fora.

Já em relação aos fatos cotidianos da vida pós-moderna, os preceitos religiosos são desmentidos pela prática cotidiana. Os princípios morais que antes garantiam a salvação da alma vão sendo devastados, e a questão passa a ser de que modo vamos nos livrar desses princípios que, embora considerados certos, somos muitas vezes obrigados a ignorar para poder “nos dar bem”.

A literatura de auto-ajuda procura auxiliar a administrar na mente as problemáticas da vida que em outros tempos eram solucionadas pelo

sacerdote, pela igreja. Num mundo racionalizado, tecnificado, segmentado e individualizado, o sujeito tem de lidar com isso por conta própria.

Aqui está aberta a porta do discurso de auto-ajuda e de seus mestres e pregadores que, com a veemência inabalável de seus posicionamentos e frases persuasivas, que, de modo geral, não estão em desacordo com ninguém, acabam mobilizando o sujeito na direção de um ideal soberbo. Assim, todo orador que vem promover o otimismo e a motivação pela auto-ajuda faz com que o leitor se considere um vencedor se aderir a essas verdades discursivas como tantos outros leitores, o que faz com que o indivíduo não se sinta isolado na sua luta pós-moderna.

Em última análise, como argumenta Chagas (2001:77), o que está em jogo no fascínio na relação desses escritores com seu público é a identificação e a ilusão que as sugestões produzem em cada adepto. Provocam no leitor os mais profundos desejos, procuram provar que um dia todos os sonhos e desejos se realizarão e, pelo discurso, oferecem a cada um que acreditar neles ou naquilo que é prometido, a certeza da realização pessoal.

Até aqui, apresentamos o conceito de auto-ajuda e suas relações com os textos sob análise, segundo a perspectiva de alguns autores da atualidade, bem como os conceitos de modernidade e pós-modernidade, com o objetivo de demonstrar as relações entre eles. A seguir, iremos discutir a questão do discurso religioso, com base em Eni Orlandi, buscando suas implicações no artigo do mestre e possíveis relações entre a teoria e o *corpus* de análise.

1.3 Discurso religioso

O discurso religioso não vai ser analisado aqui como objeto de crença ou descrença, mas como objeto de conhecimento. Para Orlandi (1987a:8), do ponto de vista do discurso, a religião é vista como

o lugar em que, na onipotência do silêncio divino, o homem encontra um espaço para preencher com palavras que delineiam aquilo que podemos chamar de sua e que Deus

é o lugar da onipotência do silêncio e o homem precisa desse lugar para colocar (instituir) sua fala específica.

A autora questiona o que, dessa vida espiritual, pode ser dito (posto) na voz de Deus. Essa é uma questão relevante, como o homem fala, como ele preenche esse silêncio que ele coloca como sendo a fala de Deus, que, na verdade, é a sua própria fala. Então, a religião vista como discurso apreende um dos lugares de sua constituição: o discurso religioso como o espaço territorial da espiritualidade do homem. É aqui que ele constrói esta espiritualidade e a expressa. Este “sujeito-religioso” é marcado pela submissão; ele se constitui como aquele que é falado por Deus. O discurso divino, eterno, já-sempre-lá, realiza-se no sujeito pela sua total adesão, o que propicia várias formas de manipulação.

Sendo Deus o criador de todos e de tudo, só nos restaria submeter-nos à sua vontade para então nos identificarmos como sujeitos filhos Dele, capazes de cair no silêncio, se negarmos Sua palavra.

Segundo Orlandi (1987a:9), o código ético de convivência humana, o freio dos instintos, ou a superação dos limites de nossa estreita condição humana são algumas das funções que se atribui à religião. Dessa forma, a religião é onipresente em nossa cultura, perpassando os vários discursos em diferentes processos de significação.

Para discutir o discurso religioso, Orlandi (1987b) aborda, entre outros, alguns pressupostos teóricos, como, por exemplo: a questão da reversibilidade do discurso, o sujeito e sua assimetria, a autonomia do sujeito e a obscuridade.

A noção de reversibilidade é proposta por Orlandi (1987b: 239) como a não-fixação categórica do locutor (aquele que fala/enuncia, escreve um texto) no lugar do ouvinte (o que lê, ouve o enunciado). Esses pólos, lugares, não se definem, via de regra, mas, no processo discursivo, um se define pelo outro, e ambos definem o espaço da discursividade, sem o que este processo não é possível, ou seja, sempre há a possibilidade do locutor tornar-se ouvinte e vice-versa.

Para exemplificar essa noção, teríamos o discurso polêmico, no qual há a dinâmica da tomada da palavra. Já no discurso autoritário (do poder, no caso, religioso), busca-se anular essa possibilidade; e é justamente a ilusão de anular essa reversibilidade que sustenta esse discurso.

No discurso religioso, a reversibilidade tende a zero, o ouvinte não se manifestará sob pena de transgredir o que está instituído, que é a palavra de Deus. O que mantém o desejo de tornar este discurso reversível é a própria fé, a ilusão, pois, ao deixarmos de crer, romperíamos a ligação discursiva. Enquanto crermos pela fé, mantemos o diálogo interno de comunicação com Deus e estamos assim revertendo esse discurso religioso, autoritário por excelência, mesmo que seja só no diálogo interno, através da fala interior, que pode ser vista como um pensamento que expressa significados puros. É algo dinâmico, instável e inconstante, que flutua entre a palavra e o pensamento. Dessa forma, o pensamento mantém uma conexão entre o discurso e sua aceitação, ou rejeição, preenchendo uma função, resolvendo um problema.

Partindo do pressuposto de que o discurso religioso é aquele que fala a voz de Deus, Orlandi (1987b:243) argumenta que existem dois planos em desnível na relação entre locutor e o ouvinte: o locutor é do plano espiritual (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os sujeitos, os homens). Observamos aqui uma relação hierárquica de desigualdade: o mundo espiritual domina o mundo temporal.

A relação assimétrica gera várias outras relações, como, por exemplo, a relação de assujeitamento, de submissão do homem ao poder espiritual que tudo cria e que precisa ser salvo através da fé nas palavras daquele que fala a palavra de Deus, seu interlocutor, o mestre. Essa assimetria gera a não-reversibilidade, pois os homens não podem ocupar o lugar do locutor (Deus). Daí a aceitação do discurso religioso, cuja fala, no caso deste estudo, é a fala do mestre (representando a voz de Deus). Visto nessa perspectiva, podemos dizer que o discurso religioso não apresenta autonomia, pois o representante da voz de Deus não pode modificá-la, dizendo, por exemplo, que não fomos

Consideradas as circunstâncias da dualidade e da intransponibilidade da passagem do plano temporal para o espiritual, cria-se a ilusão da reversibilidade de um plano a outro. Essa ilusão manifesta-se sob a forma de visão, da profecia e do misticismo, quando a relação é do plano humano para o espiritual, de baixo para cima, do homem para Deus, a fim de alcançar as qualidades atemporais divinas como a onipotência, onipresença, eternidade, onisciência.

Até aqui fizemos algumas reflexões sobre o discurso de auto-ajuda e o discurso religioso, com o propósito de delimitar as características de ambos e tentar identificá-las nos artigos do mestre propostos para análise, a fim de delimitar seu campo de ação ideológica. A seguir, vamos revisar conceitos de van Dijk sobre ideologia, que ajudarão a fundamentar nosso trabalho.

1.4 Ideologia: uma abordagem multidisciplinar

Reconhecemos, neste trabalho, que a noção de ideologia é uma das mais vagas e polêmicas das ciências sociais. No entanto, desejávamos descrever o funcionamento do discurso da organização Seicho-No-Ie e, para tal, precisávamos de um conceito de ideologia. Após várias revisões, optamos por trabalhar com uma concepção de ideologia baseada em Van Dijk (2000:04), que parte de uma perspectiva multidisciplinar, envolvendo a psicologia cognitiva, a sociologia e a análise do discurso.

Então, neste trabalho, a partir da concepção multidisciplinar de ideologia, trabalharemos, em termos gerais, com o seguinte conceito:

Ideologia constitui um sistema de crenças de um grupo e seus membros, que serve de base de sua visão do mundo, guia sua interpretação dos eventos e monitora suas práticas sociais.

Dessa forma, vamos levantar alguns elementos do sistema de crenças do grupo Seicho-No-Ie, que molda a forma de compreender o mundo e regula as práticas comportamentais de seus membros.

A dimensão cognitiva é abordada em termos dos conhecimentos sociais que são compartilhados pelos membros de um grupo. A dimensão social explica quais os grupos e suas relações e as instituições que estão envolvidas no desenvolvimento e reprodução de ideologias. E a dimensão discursiva explica como as ideologias influenciam textos e falas cotidianas, aquilo que as pessoas entendem por discurso ideológico e como o discurso reproduz as ideologias na sociedade, através dos vários níveis de estruturas discursivas, como, por exemplo, a sintaxe.

Assim, texto, interação verbal e discurso representam uma das práticas mais importantes influenciadas pela ideologia, pois é através deles que o conhecimento é transmitido, o que vem a influenciar a maneira como as pessoas adquirem, aprendem ou compartilham ideologias, especialmente quando se fala como membro de um grupo. Isso ocorre com o grupo desta pesquisa, cujo criador e idealizador da organização é também o transmissor de sua ideologia através de suas publicações.

Como as ideologias consistem em crenças socialmente compartilhadas e não em opiniões pessoais, não há ideologia individual. Elas estão associadas às características de um grupo, sua identidade, sua posição na sociedade, seus objetivos e interesses e suas relações com outros grupos.

De acordo com van Dijk, o exemplo mais importante de como as crenças são compartilhadas entre os membros de um grupo, de uma sociedade ou de uma cultura é a questão do conhecimento sociocultural compartilhado, que possibilita às pessoas entenderem-se entre si, serem capazes de falar e interagir. Essas crenças socialmente compartilhadas são chamadas de memória social, e o conhecimento sociocultural seria o sistema de representação central desta memória.

Alguns discursos, como o religioso, possuem o objetivo explícito de ensinar ideologias aos membros de um grupo e aos novos adeptos. A análise

da dimensão discursiva (tomada pelo autor como uso da linguagem, textos, conversas, interação verbal) das ideologias é a que vai prevalecer neste estudo.

Isso não significa que serão desconsiderados os aspectos cognitivos e os aspectos sociais, culturais e históricos da ideologia, sua natureza grupal e seu papel na reprodução da dominação ou resistência. Esses aspectos de análise se inter-relacionam e serão estudados na medida em que o objeto de pesquisa esteja relacionado a um deles.

A dimensão mental ou cognitiva é importante para explicar a própria natureza da ideologia que, em termos gerais, está relacionada às idéias ou crenças de grupos de pessoas. Há diversos tipos de crenças, que podem ser pessoais e sociais, específicas e gerais, concretas e abstratas, simples e complexas, sobre Nós e sobre os Outros. Além disso, há distinção entre conhecimento e opiniões ou conhecimento e atitudes, dependendo do caráter avaliativo das crenças.

Há ainda as crenças como normas e valores que constituem a base das avaliações das opiniões e atitudes, onde a ideologia representa esta dimensão avaliativa, ou seja, consiste de crenças sociais compartilhadas consideradas as propriedades de um grupo, sua identidade, interesses e propósitos e não de opiniões pessoais. Também as ideologias tratam fatos sociais, políticos e religiosos importantes e relevantes para um determinado grupo, não sobre assuntos do cotidiano.

Segundo van Dijk, as crenças estão associadas a diferentes tipos de memória ou sistemas de cognição. Por exemplo, os tipos de crenças pessoais baseadas na experiência estão relacionados à memória episódica que é autobiográfica e subjetiva, e o individual sobrepõe-se ao social. As ideologias, como já dissemos anteriormente, são socialmente compartilhadas e não se encontram na memória episódica, que é individual, apesar desta última ser importante para a entrada de ideologias.

As pessoas não somente possuem crenças pessoais, elas compartilham crenças mais gerais com os outros membros de um mesmo grupo, ou mesmo

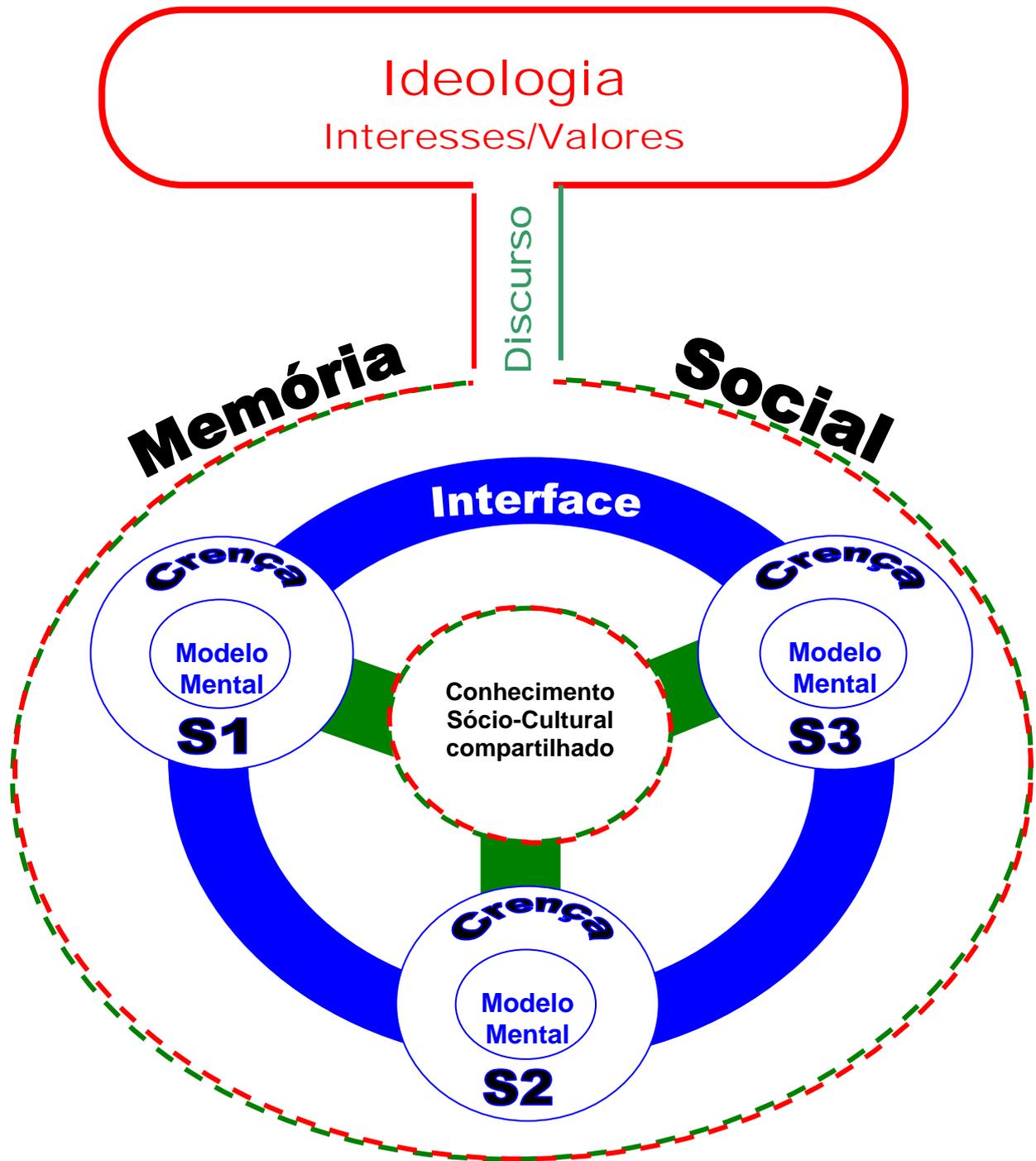
na sociedade ou numa cultura. Isto é o que o autor chama de conhecimento sociocultural, que representa essas crenças compartilhadas, pois não poderíamos nos entender, interagir ou falar com os outros se não compartilhássemos uma grande quantidade de conhecimento sobre o mundo que nos cerca. Esses conhecimentos compartilhados, que incluem opiniões e atitudes, formam a base da memória social, e o conhecimento sociocultural é o sistema central desta memória.

Para o autor, o conhecimento é aquilo que nós acreditamos seja verdadeiro, usando alguns critérios ou razões. O que é verdadeiro para uns pode não ser para outros, daí considerarmos que a noção de crença é relativa e dependente de um determinado grupo social. Entre essas diferentes crenças, existe um enorme corpo de conhecimento que não é disputado e que é aceito por todos os membros competentes de uma cultura. Este conhecimento é chamado conhecimento compartilhado, e o discurso pressupõe uma grande quantidade de tais crenças a fim de ser compreensível pelos membros do grupo.

O que forma os fundamentos das crenças ideológicas são definições de interesses relacionados ao grupo específico, cuja interpretação de valores (aquilo que é bom ou ruim para mim) faz com que o indivíduo se identifique ou não com a proposta ideológica da instituição. Se eu, como indivíduo, acredito em um ou mais dos pressupostos filosóficos da instituição, e outras pessoas compartilham desta mesma crença, nós, como um grupo, pertencemos, freqüentamos, acreditamos e divulgamos esses pressupostos que transmitem, através do discurso, uma ideologia.

Esses pressupostos são expressos por meio das proposições, frases afirmativas que representam o caráter de crenças. Através dessas proposições, o leitor assimila os pressupostos teóricos da doutrina que ele adotou e a aceita como certa.

A partir das definições apresentadas, segundo van Dijk, propusemos um modelo de ideologia que foi desenvolvido através da interpretação de sua definição do processo ideológico:



Legenda

■ Ideologia
 ■ Discurso
 ■ Modelo Mental

Modelo criado a partir de van Dijk

Podemos fazer a seguinte leitura deste modelo:

A ideologia representa a definição de interesses e a interpretação de valores (o que é bom ou ruim para mim) de um determinado grupo, pois segundo o autor não há ideologia individual, ela é sempre compartilhada. Se expressa através do discurso pela memória social, que são as crenças socialmente compartilhadas, cujo sistema central é o conhecimento sócio-cultural compartilhado que representam as crenças mais gerais que possibilitam as pessoas entenderem-se entre si. As crenças dos diferentes sujeitos representam a dimensão mental ou cognitiva da ideologia cujo modelo mental representa os eventos diários e baseia-se na memória episódica que é pessoal e subjetiva. São os eventos diários que testemunhamos, lemos, ouvimos no cotidiano. Todo esse processo se dá através e pelo discurso.

Como o discurso é complexo, e as estruturas ideológicas se expressam de maneiras muito diferentes, van Dijk propõe um método para “encontrar” a ideologia na linguagem escrita e oral, que vai ser apresentado a seguir.

1.5 Uma estratégia de análise ideológica

As ideologias são representadas como um tipo de esquema básico próprio de um grupo, que caracteriza a informação fundamental com que se identificam e categorizam seus membros, como os critérios de pertinência, as atividades, os objetivos, as normas, as relações com os demais, os recursos, etc. Essas categorias, segundo van Dijk (p. 10), tipicamente organizam informação do seguinte tipo:

- Pertinência ao grupo: Quem somos? Quem pertence ao grupo? Quem pode ser admitido?
- Atividades: Que fazemos? Que planejamos? O que se espera de Nós?
- Objetivos: Por que fazemos isso? O que queremos conseguir?
- Normas: No que fazemos, o que é bom ou mau, permitido ou não?

- Relações: Quem são nossos amigos ou inimigos? Que lugar ocupamos na sociedade?
- Recursos: O que temos que os demais não têm? Que temos que os demais têm?

Para proporcionar uma análise ideológica mais detalhada, que envolva a polarização dos grupos ou da sociedade entre Nós x Eles, van Dijk propôs quatro princípios (p. 26):

- Enfatizar coisas positivas sobre Nós
- Enfatizar coisas negativas sobre Eles
- Desenfatizar coisas negativas sobre Nós
- Desenfatizar coisas positivas sobre Eles

Essas quatro possibilidades formam o chamado “quadrado ideológico”, que pode ser aplicado à análise de todos os níveis das estruturas do discurso. É válido para a análise do léxico e da semântica, e o uso dos pares opostos “enfatizar” e “desenfatizar” permite muitos tipos de variação estrutural: podemos falar extensa ou brevemente sobre nossas coisas boas ou suas coisas más, explícita ou implicitamente, com hipérboles ou eufemismos, e assim por diante.

Em outras palavras, o discurso dispõe de muitas formas de enfatizar ou desenfatizar significados, e podemos analisar a expressão da ideologia nos diferentes níveis do discurso, como exemplificaremos no decorrer desta pesquisa.

Antes de passarmos à análise das diversas estruturas capazes de expressar ideologias, discutiremos brevemente a relação entre aspectos cognitivos e a oposição NÓS X ELES.

Os modelos mentais, para Van Dijk (2000:12), são “as representações episódicas dos eventos diários que nós tomamos parte, testemunhamos (na realidade ou na TV), ou lemos; são os modelos de eventos, ações, situações bem como de seus participantes”.

A forma como percebemos, entendemos ou interpretamos nossa realidade diária acontece através da construção e reconstrução (atualização ou

modificação) de tais modelos. Eles são subjetivos e pessoais, pois representam a forma como nós vemos e entendemos os eventos. Os modelos mentais também representam o imediato (relevante), especificações, exemplos de crenças mais gerais e abstratas.

Como representações sociais, o conhecimento, atitudes e, indiretamente, as ideologias podem afetar o conteúdo dos modelos mentais que nós construímos sobre eventos específicos. Podemos traduzir ideologias gerais para experiências específicas. Por exemplo, se NÓS somos ateus, ou seja, nos opomos à crença da doutrina em Deus, como parte de uma atitude anticristã, controlada por uma ideologia pagã, então EU, como membro do grupo, terei provavelmente uma opinião contrária em relação a uma palestra sobre religião que possa ser convidado a assistir ou ler.

A influência das ideologias sobre os modelos mentais não é puramente automática. As pessoas não dependem totalmente das ideologias, as experiências construídas na memória episódica podem deixar aberta uma porta para a aceitação de novas ideologias. Por exemplo, no caso citado anteriormente, em relação ao convite à palestra, mesmo sendo contrário a essa ideologia, posso ter um amigo que traz lembranças positivas e agradáveis e que muito respeito, que é membro de uma instituição religiosa que talvez possa me convencer a ir a palestra e assim abrir a porta do modelo mental para um *insight* nesta nova ideologia em questão.

Muitas vezes as pessoas acabam mudando radicalmente de ideologias dependendo das experiências pelas quais passam no seu dia-a-dia. É bem sabido o caso de pessoas que nunca professaram nenhum tipo de fé e que, ao se depararem com uma situação de perigo, como, por exemplo, numa iminente queda de um avião no qual se encontram, de repente tornam-se fervorosos adeptos das palavras de Cristo, pedindo ajuda e salvação, e acabam modificando seus valores, crenças e atitudes.

Por isso, talvez possamos afirmar que os modelos mentais baseados na memória episódica, que é pessoal, subjetiva e atualizada conforme as experiências do indivíduo sejam a porta de entrada de novas ideologias,

levando-nos a diferentes posições ideológicas geradas a partir deste confronto. Sendo assim, os modelos mentais apresentam fragmentos de ideologias compartilhadas socialmente e representam a *interface* entre as ideologias que são representadas na memória episódica através do discurso.

Os discursos religiosos são explicitamente ideológicos, pois se caracterizam por formulações gerais sobre o que NÓS acreditamos, e o grupo adere ou não ao discurso, e uma vez aderindo, o discurso torna-se praticamente inquestionável, pelo fato de se tratar de um discurso que se fala em nome de Deus, a autoridade suprema da maioria das religiões ocidentais.

Dada essa característica abstrata das ideologias, é através das atitudes, que são formas de cognição social, representações intermediárias entre as ideologias e o discurso, que podemos dimensionar as ideologias a domínios específicos. Podemos aplicar, no caso, uma ideologia religiosa na área da educação e termos atitudes cristãs ou não, conforme o comprometimento com tal ideologia.

Da mesma forma, as ideologias do grupo podem afetar o conhecimento, apesar de este ser considerado livre de ideologias. O conhecimento, por basear-se em evidências científicas, pode estabelecer uma ideologia de forma que ela não seja questionável.

Até aqui, apresentamos a definição de ideologia adotada neste trabalho, bem como a importância do discurso como prática social influenciada pelas ideologias formadas por sistemas de crenças. Esses sistemas se organizam em categorias convencionais derivadas dos grupos sociais. Também apresentamos a importância dos modelos mentais como porta de entrada para as ideologias e abordamos a característica abstrata das ideologias e sua influência em domínios específicos da sociedade.

Mas o trabalho de van Dijk prevê ainda possibilidades de expressão da ideologia por meio de determinadas estruturas, que foram organizadas no Quadro 1. Não trabalharemos aqui com todas as possibilidades levantadas pelo autor, nem na ordem em que elas se apresentam, mas selecionaremos

alguns dos tópicos conforme as ocorrências nos textos do *corpus* a ser analisado, o que será explicitado no capítulo da metodologia.

Quadro 1 – Possibilidades de expressão da ideologia

Estruturas ideológicas do discurso	Tópicos
Significado	Nível de descrição. Grau de detalhe. Implicações e pressuposições. Coerência local. Sinonímia, paráfrase. Contraste, exemplos e ilustração. Negações.
Estruturas proposicionais	Atores. Modalidade. Evidencialidade. Dúvida. Topoi.
Estruturas formais	Superestruturas, macroestruturas Narração, descrição, dissertação
Sintaxe da frase	Voz ativa e passiva. Coordenação e subordinação
Formas do discurso	Ordem de apresentação. Manchetes, títulos, resumos
Argumentação	Estruturas em diferentes gêneros: editoriais, cartas, artigos
Retórica	Figuras de estilo
Ação e interação	Atos de fala: asserção, acusação, promessa, ameaça Interação: turnos, pausas, interrupções, auto-apresentação

Fonte: elaborado a partir de Van Dijk (2000)

Como, nessa obra, van Dijk trabalha com descrições resumidas de todos os tópicos levantados, que constituem os níveis básicos dos estudos da linguagem, optando por aplicá-los em situações práticas do discurso racista, vamos acrescentar aqui algumas contribuições de outros autores, conforme a necessidade de fundamentação.

Como vamos partir, na fase de análise, do item “formas do discurso”, envolvendo apresentação, título, ou seja, do todo para as partes, revisaremos agora a questão da diagramação dos textos.

1.6 Diagramação e título do texto

A forma como um texto se apresenta é importante para atrair a atenção e convencer o público leitor. Assim, é praticamente impossível separar o

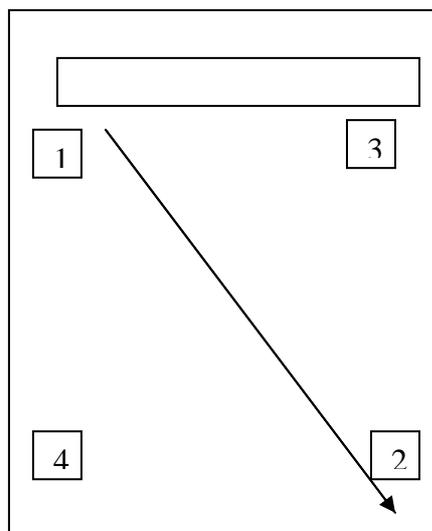
conteúdo que ele traz da sua apresentação, que poderá funcionar como um elemento adicional no processo de persuasão e na transmissão de significados.

Em relação a essa apresentação visual, faz-se necessário apresentarmos o conceito de mapa da zona ótica (Faria & Zanchetta,2002:76), freqüentemente adotado na imprensa ocidental, que é definido como uma espécie de roteiro por onde o olhar do leitor tende a passar espontaneamente ao visualizar uma página impressa. É um dos recursos utilizados por profissionais da área de projeção gráfica da imprensa escrita, que visa assegurar a atenção do leitor à exploração de toda uma página.

Os autores apresentam o seguinte mapa da zona ótica:

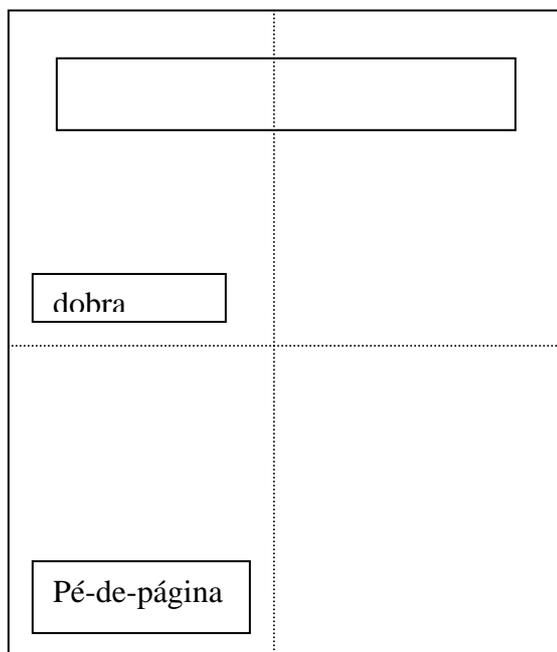
Mapa da zona ótica

1. Zona ótica primária
2. Zona terminal
3. Zona morta
4. Zona morta



Pelo menos duas hipóteses são defendidas para explicar essa convenção gráfica. A primeira seria a influência da pintura renascentista, que teria como uma de suas características uma espécie de “entrada” pelo canto superior esquerdo e, a partir daí o pintor criava recursos que iam levando o público a explorar os diversos pontos do quadro. A segunda hipótese é a de que a diagonal da esquerda para a direita tende a dar maior equilíbrio ao conjunto do que a diagonal da direita para a esquerda, em termos de *design*.

Os quadrantes de diagramação têm valores diferentes para o olhar do leitor, e a imprensa escrita de grande circulação utiliza-se amplamente desse recurso como referência na execução do projeto gráfico de suas páginas.



Em relação às características do mapa, a metade superior da página é a mais importante e mais destacada ao leitor, por isso recebe maior atenção do projetista, e é a parte que costuma ficar mais visível nos postos de venda. Outro fator é que o leitor tende a iniciar a leitura partindo da zona ótica primária, por isso os jornais e revistas normalmente apresentam nesse espaço fotos ou gráficos sem o carregar com muito texto escrito. Além disso, a divisão vertical apresenta uma simetria maior entre as duas partes da página dando, a esta, uma idéia de equilíbrio.

A zona 3 é considerada pouco atraente em relação às demais, daí ser chamada de “zona morta”. Para atrair o olhar do leitor, o projetista gráfico pode estender o texto da manchete ou a imagem iniciada na zona 1 até a zona 3. A zona 4 é ainda menos visível espontaneamente que a zona 3 e só receberá a atenção do leitor se contiver elementos atrativos ao olhar, como uma foto, por

exemplo. A zona 2, chamada terminal, é de grande importância na diagramação, pois concentra boa parte do “peso” da composição, e é através dela que o olho “sairia” da página (Faria & Zanchetta, 2002:78).

O título de um artigo, formado por uma palavra ou frase, é geralmente de tamanho maior do que o utilizado no texto e situa-se com destaque no alto da composição para indicar resumidamente o assunto da matéria e chamar a atenção do leitor.

Impresso em tipos maiores e mais destacados do que os do texto, o título é uma imagem visual portadora por si só de significado. Ele expressa a informação que será mais lembrada pelo leitor, pois representa a proposição mais alta da estrutura semântica. Isso faz com que o título seja particularmente importante na reprodução de ideologias, pois o critério de seleção do que deve receber destaque obedece à linha ideológica da publicação, ainda que se afirme o caráter de imparcialidade.

Após a descrição do projeto gráfico do texto e características de seu título, passamos para outro tópico que encaixaremos nas “estruturas formais” visualizadas por van Dijk: as estruturas textuais básicas.

1.7 Estruturas textuais básicas e relações oracionais

Na produção de um texto de qualquer gênero, o autor faz uso de vários recursos para indicar ao leitor como se processa a organização de seu texto, bem como das funções de cada parte em relação ao todo. Esse conjunto de fatores dá conta da organização retórica de um texto (Meurer, 1997b:62).

Para o autor, a construção do sentido do texto envolve a estrutura textual básica (a macroestrutura), as relações oracionais (microestrutura) e outros parâmetros de textualização, como o Princípio da Cooperação, desenvolvido por Grice.

Ao fazermos uso dos processos cognitivos de interpretação do sentido de uma oração no contexto de outra oração presente no mesmo texto, o autor compartilha com o leitor a capacidade de retomar as relações estabelecidas no

texto. As estruturas textuais básicas, que representam a macroestrutura, constituem o ambiente ou veículo para a implementação das relações oracionais básicas. O Princípio Cooperativo tenta explicar o processo de interação por meio da linguagem.

Para o autor, uma relação oracional é um processo cognitivo, bem como o produto desse processo, por intermédio do qual o leitor interpreta o sentido de uma oração, de um período, ou de um grupo de períodos no contexto de uma ou mais orações, períodos, ou grupo de períodos presentes no mesmo texto.

As estruturas textuais básicas podem ser do tipo Situação-Avaliação e Hipotético-Real. Na estrutura situação-avaliação, a situação diz respeito aos fatos e realidades no mundo, àquilo sobre o que falamos. O elemento avaliação responde à pergunta “o que é que eu acho disso?”, ou “o que eu sinto em relação a isso?”. A avaliação se dá através de relações associativas ou comparações. Além disso, existe uma base, que é uma justificativa para a avaliação.

Com relação à estrutura hipotético-real, Vasconcellos (1997:82) afirma que, durante o processo de leitura, o leitor realiza duas tarefas simultâneas: ele interpreta evidências lingüísticas e seus efeitos e realiza conexões inferenciais através das relações oracionais, que são vinculadas através dos padrões básicos textuais. A autora define a estrutura hipotético-real como “um padrão textual básico que usamos para manifestar nossa reação ao conteúdo das declarações de outrem inseridas em nosso discurso” (Vasconcellos 1997:82).

Como esta seção trabalha com as estruturas formais previstas por van Dijk, vale retomar a distinção feita por Meurer (2000:150) entre gêneros e categorias narrativas, descritivas, explicativas. Em nosso caso, o gênero textual a ser trabalhado é um tipo específico de texto, o artigo, reconhecido por suas características funcionais e organizacionais (a serem explicitadas) e pelo contexto onde é utilizado.

As modalidades retóricas, por sua vez, são as estratégias usadas para organizar a linguagem do artigo; são as estruturas e as funções textuais

tradicionalmente reconhecidas como narrativas, descritivas, argumentativas, etc. que vão ter a sua função explicitada na análise dos textos.

Além de analisar o artigo através de suas estruturas básicas e modalidades retóricas, discutiremos também a questão da figura do mestre, responsável por divulgar o conjunto de crenças da instituição. Para isso, revisaremos um conceito relacionado à fonte da palavra (o *ethos*) e uma estratégia argumentativa associada ao mestre: o recurso de autoridade.

1.8 Ethos e autoridade

Para Maingueneau (2001:97-98), toda fala ou texto escrito procede de um enunciador encarnado; um texto é sustentado por uma voz – a de um sujeito situado para além dele. Assim, por sua própria enunciação, esse texto encarna as propriedades associadas à personalidade do enunciador, o *ethos*.

Através do tom empregado no texto, o leitor constrói uma representação do corpo do enunciador, não necessariamente do autor. Desta forma, a leitura faz emergir um aspecto subjetivo que desempenha o papel de fiador do que é dito. Ao fiador, cuja figura é construída pelo leitor através de diversos indícios textuais, são atribuídos um caráter, que corresponde a uma gama de traços psicológicos e uma corporalidade, que se refere a uma compleição física, uma maneira de se vestir, de existir no espaço social.

Assim, a qualidade do *ethos* remete à imagem desse fiador que, por meio de seu discurso, confere a si próprio uma identidade compatível com o universo de seu enunciado e vai gerar uma ação sobre o co-enunciador (leitor), a incorporação. Esta incorporação se dá em três tipos de registros:

- a enunciação leva o co-enunciador a conferir um *ethos* ao seu fiador, ela lhe dá corpo;
- o co-enunciador incorpora, assimila, desse modo, um conjunto de esquemas que definem para um dado sujeito, pela maneira de controlar seu corpo, de habitá-lo, uma forma específica de se inscrever no mundo, muitas

vezes até incorporando elementos de acordo com essa figura do fiador, que acaba virando um modelo de conduta;

- essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo, o da comunidade imaginária dos que comungam na adesão a um mesmo discurso.

A questão do *ethos* liga-se a uma técnica argumentativa utilizada na composição do texto, o argumento de autoridade. Para Perelman e Tyteca (1996:333-334), essa técnica se baseia na estrutura do real e relaciona uma essência com suas manifestações. O argumento de autoridade é totalmente condicionado pelo prestígio. A palavra de honra dada por alguém como única prova de uma asserção dependerá da opinião que se tem dessa pessoa como homem honrado, íntegro, a qual será usada como meio de prova a favor de uma tese.

Ao apresentar uma autoridade, o enunciador apóia seus argumentos de maneira que não possam ser refutados. Quem desafiaria a opinião de uma autoridade que já desfruta de um espaço de respeito conquistado por seu próprio mérito e trabalho?

Assim, quanto mais importante é a autoridade, mais indiscutíveis são suas palavras e, no limiar do discurso, a autoridade sobrepuja todos os obstáculos que a razão poderia opor-lhe, revelando, então, seu aspecto peremptório e absoluto.

Além do conteúdo propriamente dito de seus ensinamentos, das estratégias empregadas em seu discurso, durante o processo de argumentação, sinalizará o seu posicionamento através de modalizadores, operadores e pronome nós (inclusivo/exclusivo) que vão ser aqui revisados.

1.9 Marcadores argumentativos

Dentre os marcadores que o mestre ativa para persuadir o seu leitor, destacaremos aqui os modalizadores, alguns operadores e o emprego do pronome NÓS.

Com base em Kock (2000:47-49) e Giering et al. (1999:128), modalizadores são elementos lingüísticos que indicam as relações que o autor mantém com o enunciado que produz. Ao escrever o texto, o redator manifesta uma determinada posição, um maior ou menor grau de engajamento com o conteúdo das afirmações transmitidas.

Ele pode situar seu enunciado em torno de dois eixos básicos, o do *crer* e o do *saber*. Ao utilizar o eixo do *crer*, o escritor não impõe ou finge não impor sua opinião, dando ao leitor a possibilidade de aceitar ou não os argumentos apresentados. Para situar o que diz no eixo da possibilidade, da suposição, ou seja, do *crer*, o redator pode empregar os seguintes recursos lingüísticos:

- predicados - é provável, é possível, etc.
- advérbios - possivelmente, talvez, provavelmente, etc.
- verbos auxiliares modais - poder, parecer, etc.
- orações modalizadoras - há possibilidade de, parece que, etc.
- verbos na primeira pessoa - eu creio, eu penso, eu acho, etc.
- futuro do pretérito com valor de probabilidade, hipótese, notícia não confirmada – ficaríamos, acharíamos, etc.

Se o produtor do texto situa seu enunciado sobre o eixo do *saber*, utiliza o campo da necessidade, da certeza, das normas, do imperativo. Os argumentos são apresentados como incontestáveis, empregando os seguintes recursos:

- predicados - é certo, é proibido, é preciso, é necessário, é impossível, é óbvio, etc.
- advérbios - certamente, necessariamente, etc.
- verbos auxiliares modais - dever, querer, precisar, necessitar, ter de, etc.
- orações modalizadoras - tenho a certeza de que/ não há dúvida de que/ todos sabem que/ etc.
- verbos na primeira pessoa - eu sei, eu quero, etc.

Quanto aos operadores, ainda segundo Kock (1991:62-70; 2000:30-39), designam certos elementos da gramática que têm por função indicar a força argumentativa dos enunciados, a direção para o qual apontam.

Selecionamos aqui alguns tipos de operadores que vão ser analisados nos textos:

- Operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão: até, mesmo, até mesmo, inclusive, nem mesmo.
- Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias: mas (= porém, contudo, todavia, no entanto, etc.) e embora (= ainda que, apesar de, etc.). Os operadores do grupo de mas e os do grupo de embora diferem quanto à *estratégia argumentativa* utilizada no texto:
 - ao empregar o mas, o escritor utiliza a “estratégia do suspense”, isto é, faz com que venha à mente do leitor ou ouvinte uma determinada conclusão, para depois introduzir o argumento (ou conjunto de argumentos) que irá levar a uma conclusão diferente, inesperada.
 - ao empregar embora, o escritor utiliza a “estratégia de antecipação”, ou seja, anuncia, de antemão, que o argumento introduzido pelo embora vai se anulado, “não vale”. Prevalece a orientação argumentativa do enunciado que não é introduzida pelo operador.
- Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior: porque, que, já que, pois, etc.

Aqui enfatizamos também um conector que se mostrou recorrente no artigo do mestre, estabelecendo uma relação lógico-semântica de condicionalidade (se p então q). A relação de condicionalidade expressa-se pela conexão entre duas orações, uma introduzida pelo conector *se* ou similar (oração antecedente) e outra por *então*, que geralmente vem implícita (oração conseqüente).

Durante a análise dos textos, detalhes das relações condicionais serão explicitadas com o auxílio das contribuições de Moura Neves (2000:829-861). A autora discute a subdivisão das construções condicionais em condicionais factuais (reais), contrafactuais (irreais) e eventuais (potenciais). São exemplos:

Factual: Se tudo está desse jeito (é um fato que), (daí, em conseqüência) eu não posso confiar./ Contrafactual: Se eu estivesse livre (eu não estou livre), me casaria com ela (não me casarei com ela)./ Eventual: Se ele deixar (eventualmente), eu saio. (A oração principal é tida como certa, na eventualidade da condicional.)

Além de estabelecer conexões entre seus enunciados, nas suas interações com o leitor, o mestre faz uso constantemente do pronome NÓS. Especialmente em textos da mídia que simulam uma interação face a face com seus leitores é possível estabelecer uma distinção entre um “nós exclusivo” e um “nós inclusivo”. No primeiro caso, o pronome refere-se à pessoa que escreve ou fala e exclui o leitor. No segundo caso, o pronome refere-se à pessoa que fala ou escreve + os leitores.

O emprego do “nós inclusivo” constitui-se numa estratégia de aproximação com os leitores, tornando-os parte do grupo editorial de um veículo de comunicação. Por outro lado, o emprego do “nós exclusivo” faz do redator a autoridade que detém um conhecimento a ser transmitido a seus leitores.

Após a revisão dos conceitos básicos de nosso trabalho, passaremos para a metodologia de análise, que constitui uma aplicação do modelo de van Dijk (com algumas adaptações) aos textos da organização Seicho-No-Ie.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE ANÁLISE

2.1 Seleção do corpus

O corpus selecionado para a pesquisa compõe-se de 12 artigos do mestre da Organização Seicho-No-le, publicados em uma das revistas mensais, a *Fonte De Luz*, de 1996 a 2004. Esse período foi selecionado porque, no decorrer do tempo, algumas características, especialmente de diagramação, foram modificando, dando origem a diferentes efeitos argumentativos. A revista tem uma tiragem significativa (315.000 exemplares).

Salientamos que os artigos não foram escritos especialmente para a revista, mas provêm de capítulos de livros ainda não editados em português. Os títulos provisórios dos livros de que se originam os artigos são: *Viver junto com Deus – a verdade em 365 preceitos*; *Prosperidade e saúde: Você é dono de potencialidade infinita*.

Um questionário foi também organizado e distribuído entre os participantes da organização sediada em Santa Maria, com vistas ao levantamento do perfil dos membros que constituem o grupo Seicho-No-le. Dados desta pesquisa vão ajudar a responder a uma pergunta básica: Quem somos nós?

2.2 Passos de análise

A análise dos textos do artigo do mestre obedecerá à seqüência:

Em primeiro lugar, descreveremos aspectos contextuais da Seicho-No-le, as características do campo, da relação e do modo dos textos da organização. Discutiremos, nessa contextualização, questões relativas à religião e à auto-ajuda. Levantaremos, também, informações fundamentais sobre o grupo que constitui a Seicho-No-le, procurando responder às perguntas:

- Pertinência ao grupo: Quem somos? Quem pertence ao grupo? Quem pode ser admitido?
- Atividades: Que fazemos? Que planejamos? O que se espera de Nós?
- Objetivos: Por que fazemos isso? O que queremos conseguir?
- Normas: No que fazemos, o que é bom ou mau, permitido ou não?
- Relações: Quem são nossos amigos ou inimigos? Que lugar ocupamos na sociedade?
- Recursos: O que temos que os demais não têm? Que temos que os demais têm?

A polarização do grupo entre Nós x Eles, proposta por van Dijk, vai salientar os quatro princípios que formam o chamado “quadrado ideológico”:

- Enfatizar coisas positivas sobre Nós
- Enfatizar coisas negativas sobre Eles
- Desenfatar coisas negativas sobre Nós
- Desenfatar coisas positivas sobre Eles

As respostas a essas perguntas e as estratégias constantes do quadrado ideológico vão ter como base o questionário aplicado aos membros da Seicho-No-Ie em Santa Maria e excertos dos artigos do mestre.

Em segundo lugar, trabalharemos com as possibilidades de expressão da ideologia através de diversos níveis de linguagem selecionados por van Dijk. Alteraremos a ordem e a combinação dos elementos que constam do quadro de opções.

Em um primeiro grupo, reuniremos tópicos que se relacionam com “estruturas formais”, “formas do discurso” e “argumentação”. Esse grupo inclui a apresentação gráfica do artigo, títulos, entretítulos, notas de rodapé, estruturas textuais básicas, modalidades retóricas narrativas, descritivas, expositivas e exortativas (organização básica do artigo). A apresentação da foto do mestre será relacionada com o *ethos* e recurso de autoridade.

Outro grupo reunirá as estruturas “ação e interação”, “estruturas proposicionais” e “retórica”. Discutiremos atos de fala expressos no texto, salientando o processo de modalização do discurso, o emprego de conectores e figuras por parte do mestre.

CAPÍTULO 3 – FATORES DE CONTEXTUALIZAÇÃO

3.1 Variáveis contextuais

Partindo das concepções de campo, relação e modo, que constituem as variáveis contextuais de um texto, podemos dizer que o campo, no artigo do mestre, seria a tentativa de manutenção de um sistema institucionalizado de crenças: a natureza do Deus interior, o poder do pensamento positivo, passos para atingir a força libertadora da mente; o leitor, uma vez engajado, é persuadido a assumir essa filosofia da “verdade que liberta o homem”.

A relação é a de uma autoridade, o “Mestre idealizador da filosofia de Iluminação da Humanidade” para uma audiência universal (público leitor). O papel da autoridade é reforçado pelo *status* que o mestre acumulou durante vários anos de trabalho e produção de obras relativas a essa filosofia.

O leitor, ao interagir com o texto numa relação temporária, pode vir a se transformar, se colocar em prática os pressupostos filosóficos, e dessa forma estabelecer uma relação permanente com a instituição e seus veículos de divulgação, como palestras, eventos, assinatura de revistas, etc.

Quanto ao modo, a linguagem assume uma importância fundamental, como mediadora de conhecimentos, transmissora de valores religiosos e sociais.

Nas relações com o leitor, o mestre pode utilizar estratégias do discurso de auto-ajuda e do discurso religioso. As características dessas formas de discurso já foram discutidas na revisão da literatura e vão ser aqui aplicadas na análise dos textos.

O mestre pode utilizar estratégias do discurso de auto-ajuda, através de suas afirmações, conduta e procedimentos, demonstrando segurança e determinação naquilo que acredita, a fim de convencer ou persuadir as pessoas, mais particularmente quando faz referências à existência de uma força ou *poder interior*, que leva o indivíduo à concretização de seus ideais e, conseqüentemente, à realização pessoal.

No seguinte excerto, os princípios da Seicho-No-Ie remetem a esse tipo de discurso, através da referência do mestre a esse mundo interior:

Não conseguimos perdoar e respeitar fundamentalmente os outros enquanto estivermos apegados aos acontecimentos exteriores. Só podemos perdoar e respeitar os outros quando contemplamos o “ser interior” que está no âmago deles. O “ser interior” é o Eu verdadeiro de todo o ser humano (*Fonte de Luz*, out./196).

A idéia de que o sucesso depende de ações que estão ao alcance de todos pode ser observada em:

Dentro do ser humano está latente o desejo de evoluir cada vez mais. É isso que o leva a se empenhar nos estudos e no trabalho, possibilitando-lhe criar novas obras e realizar grandes invenções (*Fonte de Luz*, fev./2004).

No exemplo da revista, o mestre utiliza-se de uma metáfora para fundamentar sua argumentação, pois, no campo da realidade, seria difícil convencer o leitor de que o que quer que desejemos será conquistado.

Mesmo que o seu ideal seja ainda um tanto vago, não o descarte. O objetivo de seu ideal é como um grande navio que flutua no distante horizonte marítimo. Embora pareça uma visão, ele está lá de fato (*Fonte de Luz*, fev./2004).

As características do texto de auto-ajuda estão também presentes em:

Você precisa ter fé na concretização do desejo que surge do fundo de seu coração. Se esse desejo é realmente sincero, ele está em conformidade com a vontade de Deus e há de se concretizar, contanto que você se empenhe com seriedade. Aja e obterá resultado – esta é a fórmula infalível para a concretização do desejo sincero (*Fonte de Luz*, fev.2004).

Encontramos, aqui, uma relação direta com as idéias difundidas pela Seicho-No-Ie, que incluem a prática da meditação Shinsokan através de técnicas que devem ser seguidas passo a passo, e a saudação ao mestre, entre outras.

A tentativa de levar o leitor a acreditar que todos os desejos podem ser realizados se encontra em: "A realização de tais proezas é possível porque no ser humano está latente a capacidade infinita, a qual suscita o anseio de progredir cada vez mais, estimula a vontade e o impele a agir" (*Fonte de Luz*, fev.2004).

As características associadas à religião podem ser identificadas com facilidade na pregação da Seicho-No-Ie. Em *Fonte de Luz*, nov./2000, podemos exemplificar como o mestre apresenta a definição de Deus: "Deus é a grande Vida imanente no Universo que nos vivifica, e é dessa grande vida que cada um de nós recebe Vida. Não só vida, recebemos tudo." Esse posicionamento é defendido também em *Fonte de Luz*, mar./2000: "O homem é a auto-realização de Deus".

A desigualdade que regula a relação Deus-homem está expressa em excerto de *Fonte de Luz*, nov./2000. O homem (plano temporal), fica totalmente submetido à força de Deus, criador do universo (plano espiritual), está à mercê do plano divino e sem autonomia. Só lhe resta aceitar essa dependência como forma de continuar vivendo:

Deus é a Grande Vida imanente no Universo que nos vivifica, e é dessa Grande Vida que cada um de nós recebe Vida. Não só vida, recebemos tudo, desde teto até comida e roupa. Tudo que existe surgiu da misteriosa Força de Deus-Criador do Universo. Nada existe que seja criado por nós, a começar pela própria vida e recursos materiais necessários à manutenção dessa vida (alimento, ar, água, etc.); tudo é de Deus, por Ele criado.

A fala ritualizada, característica do texto religioso, pode ser observada em *Fonte de Luz*, nov./2000, quando o mestre aconselha a leitura das fórmulas para alcançar o sucesso em determinada situação:

Conte-lhe que pessoas com a mesma doença foram curadas através dos ensinamentos da Seicho-No-Ie, que consistem em tal e tal ensinamento, e que tudo consta na coleção A Verdade da Vida. Ou realize a leitura da Sutra Sagrada Chuva de Néctar da Verdade, dizendo que basta atingir o despertar espiritual citado nessa sutra.

A Seicho-No-Ie propõe uma possibilidade de partilha entre Deus-homens, ao afirmar que nós, como filhos de Deus, possuímos as qualidades do pai, como podemos observar em:

Quem é você? Um filho de Deus que vive neste mundo. Seu pai é Deus onisciente, onipotente, que lhe dá vida infinita e Amor infinito. Você é uma existência única. É herdeiro de tudo que Deus-Pai possui (*Fonte de Luz*, ago./2003).

Em relação à condição de reversibilidade, a posição do representante, no caso o mestre Masaharu Taniguchi, autor dos artigos, é a daquele que fala do lugar de Deus e transmite suas palavras, representando-o legitimamente, mas não se confunde com Ele, não é Deus. Aí fica evidente a condição da não-reversibilidade do discurso religioso e, como consequência, a aceitação sem reflexão. Não se questiona a palavra de Deus, isto é institucionalizado, o homem apenas expressa a vontade desse poder.

É também uma característica do discurso religioso o emprego das figuras de estilo, como meios de enfatizar as idéias partilhadas. Um dos múltiplos empregos metafóricos pode ser visto no artigo do mestre de *Fonte de Luz*, ago./2003: “Retire os óculos dos sentidos físicos... e abra os olhos da mente...”. Com essa metáfora, o mestre pretende dizer ao leitor que devemos nos desligar dos olhos físicos, que são como lentes opacas que atrapalham a nossa visão. Para recebermos diretamente a luz de Deus, devemos retirar essas lentes e nos elevar cada vez mais. Os olhos da mente, sim, conseguem ver a mina oculta repleta de riquezas infinitas que é a imagem verdadeira.

O artigo de nov./2000 desenvolve-se a partir dessa metáfora, a fim de doutrinar o leitor sobre a importância da prática da meditação Shinsokan (um dos rituais centrais da doutrina) que o levará a enxergar um mundo luminoso, repleto de tudo que é bom: “Mas, para que isso aconteça, você precisa praticar a *Meditação Shinsokan*...faça o possível para reservar, todos os dias, uma hora adequada...” “Deve fechar os olhos físicos e contemplar a existência espiritual com os olhos espirituais”.

O que seriam, então, esses olhos espirituais? Como podemos observar, mais uma metáfora reforça o tópico do texto sobre a importância da prática da meditação Shinsokan, e reitera a afirmação de Orlandi de que as metáforas são uma das marcas do discurso religioso.

3.2 Critérios identificadores do grupo

Os critérios de identificação de um grupo que partilha crenças envolvem associação, atividades típicas, objetivos gerais, normas e valores, relações e recursos. A organização Seicho-No-Ie responde da seguinte forma às questões propostas pelo modelo de van Dijk:

- Associação: Quem são os membros da Seicho-No-Ie?

Para responder a essa pergunta, foi elaborado um questionário (ver anexo I) que foi respondido por cem adeptos e freqüentadores das reuniões semanais da Seicho-No-Ie, na sede local de Santa Maria, a fim de fazer o levantamento do público alvo. Apresentamos a seguir os aspectos considerados na pesquisa, bem como os resultados percentuais:

- Faixa etária: concentrou-se na faixa de 30 a mais de 50 anos de idade.
- Sexo: 90% do sexo feminino
- Grau de escolaridade: o maior percentual concentrou-se na faixa de ensino médio completo, 80%.
- Motivo de adesão ao grupo: problemas afetivos/emocionais, 70%; doenças, 10%; problemas com marido, 10%; problemas financeiros, 5%; depressão, 5%.

Observamos que o público é, na sua maioria, do sexo feminino, o que leva a crer que as mulheres buscam ajuda para seus problemas mais do que

os homens. A faixa etária adulta indica que é justamente nessa fase da vida que procuramos enfrentar e solucionar nossos problemas.

O grau de escolaridade remete a um público cuja formação acadêmica não chega a ser a superior. Talvez isso seja um indicativo para responder a uma pergunta básica: quem aceitaria os argumentos da organização sem os criticar? O nível de leitura crítica se daria, teoricamente, na vida acadêmica, quando o aluno é motivado a refletir e questionar a realidade. Muito poucos entrevistados, uns dois por cento, possuem nível de pós-graduação, o que confirma ainda mais a hipótese anterior.

A busca de solução para os problemas da vida moderna é a tônica motivadora que leva o público a esse tipo de instituição bem como a outros. No afã de superar crises de várias origens, as pessoas recorrem ao tratamento dito espiritual, haja vista a oportunidade de solucioná-los de graça. O fato de não haver gasto financeiro é também um fator relevante para a frequência do público, pois o que se há de perder, se é gratuito?

As instituições, como as religiosas, através da difusão de sua ideologia, compartilham crenças que, muitas vezes, contribuem para estabelecer o controle de um grupo sobre outro. No seguinte excerto do artigo do mestre da revista *Fonte de Luz*, out./1996, a organização Seicho-No-Ie transmite, através de um exemplo, a visão sobre a condição feminina:

A esposa, que está insatisfeita com o marido, pensando “Ele não me trata com carinho”, geralmente vive com a atitude mental “exigir” o amor, querendo unicamente cobrar o amor do marido. Se a esposa ficar pensando demasiadamente em cobrar o amor do marido, ele sentirá como se estivesse sendo pressionado por um cobrador de dívidas. Desse modo, ele passará a considerar a esposa como um fardo que recai sobre ele em forma de grande pressão ou restrição da liberdade, e acabará se afastando dela. Por isso, a esposa que deseja ser amada pelo marido, embora seja contraditório, deve abandonar o *desejo de ser amada* e passar a manter em seu coração apenas o amor-doação de modo incondicional. Quando a esposa conseguir preencher todo o seu ser com o *amor-doação*, o marido também passará a amá-la sinceramente com o mesmo sentimento. Pois “A mente da pessoa que está diante de nós é um espelho”.

Através da escolha lexical (amor-doação, exigir amor, cobrar, pressão, restrição, liberdade), o texto conduz a argumentação de forma a convencer o público-leitor que a esposa deve amar o marido incondicionalmente para que a

recíproca seja verdadeira, o que não é considerado aceitável por outros grupos. Assim, através desse exemplo, vemos como o contexto de cultura contribui para transmitir uma determinada ideologia.

O autor pretende convencer o leitor a aceitar a relação de marido-mulher de maneira incondicional, sem questionar ou cobrar nada, para poder então receber amor. Essa forma passiva e submissa de relacionamento prevê a anulação de um dos cônjuges, no caso a mulher, para haver felicidade. Assim, a responsabilidade da infelicidade é sua, pois não soube amar o marido incondicionalmente, o que restringe o indivíduo a um ser sem autonomia e liberdade. É de senso comum que a mulher ocupa uma posição inferior ao homem na sociedade japonesa, país de origem do autor dos textos.

Outras perguntas são respondidas a seguir.

- Atividades típicas: O que fazemos?

Entre as atividades propostas pela instituição, estão as palestras semanais, seminários regionais, estaduais e nacionais, prática diária da meditação Shinsokan, que é uma meditação contemplativa, composta de uma série de mentalizações, cujo objetivo é transcender o mundo fenomênico-material e entrar em contato com o mundo da imagem verdadeira, o mundo perfeito e absoluto criado por Deus. A meditação deve ser realizada diariamente, com saudação, culto aos antepassados, culto aos anjinhos abortados, louvor aos apóstolos da Missão Sagrada, entre outras.

- Objetivos gerais: O que pretendemos e por quê?

O objetivo maior da Seicho-No-Ie é levar os homens à verdade de que somos todos filhos de Deus e, como tal, possuímos suas qualidades infinitas, somos seres perfeitos que precisamos despertar para esta verdade e sair da ilusão da imperfeição a fim de alcançar a verdadeira felicidade.

- Normas e valores: O que é bom ou não para nós?

No Quadro 2 estão as oito normas fundamentais dos praticantes da Seicho-No-Ie, que são repetidas em todos os encontros dos membros, como forma de reiterar o compromisso com a instituição.

Quadro 2 – Normas fundamentais da Seicho-No-Ie

- | |
|---|
| <p>1ª Agradecer a todas as coisas do Universo.</p> <p>2ª Conservar sempre o sentimento natural.</p> <p>3ª Manifestar o amor em todos os atos.</p> <p>4ª Ser atencioso para com todas as pessoas, coisas e fatos.</p> <p>5ª Ver sempre as partes positivas das pessoas, coisas e fatos e nunca as suas partes negativas.</p> <p>6ª Anular totalmente o “ego”.</p> <p>7ª Fazer da vida humana uma vida divina e avançar crendo sempre na vitória infalível.</p> <p>8ª Iluminar a mente, praticando a meditação Shinsokan todos os dias sem falta.</p> |
|---|

Fonte: Taniguchi (1995:39)

A doutrina, com base nessas normas fundamentais, propõe o agradecimento até mesmo a situações negativas e dolorosas, pois acreditam que o sofrimento é uma ilusão criada pela mente em estado de cegueira. Ao agradecer, o indivíduo se liberta do mal temporário criado por ele mesmo em sua própria mente. Existe aí, uma espécie de negação, (termo usado pela psicanálise e que não é objeto de estudo neste trabalho), de forma que nesse estado de ilusão o indivíduo cria uma nova realidade, mais confortável e que é sustentada pela doutrina.

Poderíamos questionar: qual é a ilusão afinal? A ilusão proposta pela doutrina de que o sofrimento é criado pela mente em obscuridade, ou a negação deste sofrimento é o que constitui a ilusão?

Questões como essa podem ser respondidas com base em estudos psicanalíticos, que podem servir de proposta para futuras pesquisas. Iremos nos limitar à questão ideológica que é o foco deste trabalho. Então, podemos inferir que, nesse sentido, o agradecimento é uma forma de alienação, de não enfrentamento. O indivíduo, dessa forma, sente-se confortável, pois sua atitude

de negar o fato do sofrimento é apoiada pela doutrina que alimenta esse tipo de comportamento através de seus argumentos.

As normas 2, 3 e 4 possuem o caráter de domesticar o indivíduo, tornando-o dócil, gentil e educado. Isso vai ao encontro de um dos propósitos da religião, que é o de se fazer cumprir um código de ética de convivência humana, o freio dos instintos (Orlandi, 1987:9).

A 5ª norma, a que enfatiza o olhar para as qualidades do outro e não para seus defeitos, propõe novamente a negação dos fatos e cria um mundo ilusório, perfeito e maravilhoso, onde as pessoas são todas felizes, pois para elas o sofrimento e a dor são projeções da mente e não são a realidade. Esse é o mundo paradisíaco.

A 6ª norma fundamental, que prega a anulação total do ego, vem complementar as anteriores, num conjunto que privilegia a massificação e domesticação de um rebanho, que é típico dos parâmetros religiosos. O indivíduo, visto como um ser único, com interesses individuais, deve se diluir com todos os outros egos para alcançar a felicidade prometida. Ele não existe sozinho com seus próprios problemas; seus dramas são compartilhados por todos os outros adeptos.

A última norma, e talvez a mais importante, resume qual a atitude a ser tomada para que os demais benefícios aconteçam, que é a prática da meditação Shinsokan, que “liberta” a mente das opressões da “ilusão” e a leva a um estado de harmonia.

Podemos observar, então, que essas normas fundamentais possuem o caráter de apaziguar os indivíduos para que eles não causem alteração no meio onde vivem, tornando-os dóceis cidadãos que passam a ver o mundo sob outro prisma, e se diferenciam dos outros, os que enfrentam as agruras do dia-a-dia com envolvimento, questionamento, reclamações, etc.

NÓS (adeptos), o rebanho de ovelhas, por criarem a ilusão do paraíso aqui na terra, desenvolvem em si mesmos uma posição de poder em relação aos outros (ELES), que lamentam sua própria sorte, colocando-se num

patamar de indivíduos privilegiados porque são imunes ao sofrimento e, assim, não o enxergam, não o valorizam; ao negar sua existência, anulam-na.

Essa é provavelmente a ideologia que perpassa as normas que regem a instituição e que nos propusemos analisar.

A seguir, apresentaremos as sete declarações iluminadoras, reproduzidas no Quadro 3, os valores maiores da doutrina, onde todo o trabalho de difusão da organização se baseia. Diferentemente das Normas Fundamentais, não são repetidas em voz alta pela audiência, e sim lidas pelo preletor (orador treinado) e acompanhadas silenciosamente pelo público.

Quadro 3 - As sete declarações iluminadoras da Seicho-No-Ie

- 1ª** Declaramos transcender todo sectarismo religioso e, reverenciando a Vida, viver em fiel obediência à Lei da Vida.
- 2ª** Acreditamos que a lei da manifestação da Vida é o caminho do progredir infinito e acreditamos também que é imortal a Vida que se aloja em cada indivíduo.
- 3ª** Estudamos e publicamos a Lei da Criação da Vida para que a humanidade possa seguir o verdadeiro caminho do progredir infinito.
- 4ª** Acreditamos que o amor é o alimento da Vida e que a oração, as palavras de amor e o elogio constituem o poder criador da palavra que concretiza o amor.
- 5ª** Acreditamos que, como filhos de Deus, possuímos em nosso interior a possibilidade infinita e que podemos atingir o estado de absoluta liberdade com o uso controlado do poder da palavra.
- 6ª** Para melhorarmos o destino da humanidade, mediante o poder criador das boas palavras, divulgamos a doutrina em livros, publicações, seminários, conferências, transmissões em rádio e TV e outros meios culturais.
- 7ª** Baseados na correta filosofia da vida, no correto *modus vivendi* e no correto modo de educar, organizamos movimentos concretos que dominam doenças e todas as demais formas de sofrimento humano, para construir na face da terra o Reino do Céu de amor mútuo e cooperação.

Fonte: Taniguchi (1995:37)

As sete declarações iluminadoras da Seicho-No-Ie, que representam os valores da instituição e assim o dogma da doutrina, merecem uma análise mais detalhada, devido à sua importância ideológica.

A 1ª declaração, que afirma transcender todo sectarismo religioso, propõe a aceitar os adeptos de todas as outras religiões, pois acredita absorver todo o potencial de fé de indivíduos de diferentes crenças, o que lhe confere um certo grau de segurança e confiabilidade, pois se diz livre de preconceitos religiosos.

A 2ª declaração diz respeito à imortalidade da alma, daquilo que não é o corpo, pois com a morte deste a alma continuaria a existir, o que confere a segurança da eternidade proposta pela doutrina. A 3ª e 4ª declarações confirmam a contínua evolução do homem, para que ele acredite que, mesmo errando, está num contínuo aprendizado. Fazem menção ao poder da oração e ao poder criador das palavras.

É importante mencionarmos algumas considerações sobre a 5ª declaração, a que fala sobre o estado de absoluta liberdade atingido com o uso controlado do poder da palavra. Poderíamos supor que quem elabora tal norma a ser seguida acredita que a palavra tem poder, possui conhecimento de como empregá-la com fins de persuasão e assim é capaz também de usá-la para assumir um determinado poder, que é o de convencer os adeptos a não expressar as suas verdades e sim controlar as suas palavras e controlar a si mesmos.

Sabe-se que o discurso é capaz de mobilizar massas e provocar emoções as mais diversas, mas, se controlado, acomoda-se o ímpeto, reduz-se o sujeito ao espectador passivo dos acontecimentos, que, de outra forma, poderia modificá-lo através do questionamento, da não abstinência das palavras. E certamente esse não é o propósito da instituição.

Ou seria o silêncio a resposta para todos os males da humanidade?

Na 6ª declaração, introduz-se a propaganda da doutrina, que é feita através de livros os quais visam a melhorar o destino da humanidade através do uso controlado do poder da palavra, novamente enfatizando a importância do autocontrole.

Na 7ª declaração, podemos observar o poder do movimento que se compromete a dominar doenças e todas as formas de sofrimento humano para

criar o reino do céu, citado no gênesis, aqui na terra. Quem poderia resistir a tamanho apelo? Com esse questionamento, deixamos algo que instigue a pensarmos sobre o valor desse tipo de ideologia.

- Relações: Qual nosso lugar na sociedade como um todo? Quem são nossos amigos ou inimigos?

A Organização intitula-se não-sectarista, aceitando todos de todas as religiões, pois acreditam que todas elas são luzes de salvação emanadas de um único Deus criador.

- Recursos: O que temos que os demais não têm? Que temos em comum?

A Organização prega a Verdade da Vida, e o conhecimento desta verdade leva o ser humano a despertar para o verdadeiro mundo espiritual e à morte das ilusões. Os outros, que desconhecem a verdade, não possuem, portanto, essas qualidades imanentes. O que têm em comum com os demais é o fato de todos sermos filhos de um único Deus de infinita bondade e sabedoria e que, no mundo da imagem verdadeira, não existem pecadores, ou seja, somos todos iguais aos olhos de Deus.

3.3 Oposição NÓS X ELES

As categorias comentadas anteriormente identificam o que é ser membro do grupo Seicho-No-Ie, através de crenças compartilhadas, e definem sua identidade e sentimento de pertencimento. A maior parte dessas informações é sobre NÓS vs. ELES. Na realidade, segundo van Dijk, as ideologias tipicamente organizam as pessoas e a sociedade em termos polarizados.

Relacionando a oposição básica NÓS x ELES à primeira categoria, a de membros que têm a ver com quem pertence à organização em questão (NÓS)

e como nos distinguimos dos OUTROS através de nossas ações, propósitos, normas e atitudes, temos um exemplo:

Se os senhores estão agora neste recinto em que se realiza um Grande Seminário da Seicho-No-Ie, é porque a mente dos senhores fez o corpo se mover e vir até aqui. Ela não é força motriz que avança sem rumo, mas possui intencionalidade, ou seja, para ganhar a salvação, vocês são merecedores de estarem aqui ouvindo os ensinamentos da Seicho-No-Ie...ao passo que os outros destituídos de fé não terão o mesmo mérito (*Fonte de Luz, abr./2001*).

Aqui, o autor privilegia a supremacia da mente sobre o corpo, que age com propósitos específicos, entre eles, o de ser salvo pela presença no seminário para ouvir as palestras doutrinárias. Pelo fato de terem decidido vir, vocês (NÓS) são mais inteligentes que os outros (ELES), que usam sua mente sem rumo, e por isso vocês merecem serem salvos, ao passo que os outros, sem fé, sem intencionalidade, não terão tal mérito de salvação. O autor faz uma colocação que leva a crer que a fé é um atributo da intenção, visa a um propósito, ou seja, algo que pode se concretizar. O poder de tal argumento é tal que a audiência, o leitor, no caso, sente-se compelido a participar dos seminários de divulgação da doutrina, pois não quer ser um dos outros; ELE merece ser salvo.

A oposição NÓS X ELES também ocorre no nível das ações. A proposição “Não pense em fugir dos problemas” (*Fonte de Luz, jan./2004*) remete à idéia de que você não deve agir nem pensar como os outros (ÊLES) que fogem de seus problemas. Você deve agir como um verdadeiro filho de Deus e seguir os preceitos da instituição que vai lhe dar a solução para enfrentar os problemas (NÓS).

Ainda, em um outro exemplo, “Deixe de contar apenas com os sentidos físicos” (*Fonte de Luz, ago./2003*), o mestre propõe ao leitor que este não seja como os outros (ÊLES) que só contam com os sentidos físicos, seja um de NÓS e veja como podemos ampliar essa questão.

Segundo van Dijk (2000:25), a produção do discurso baseia-se nos modelos mentais que nós temos sobre um evento, e assim, por alguma razão, como, por exemplo, o conhecimento que o destinatário já possui, nós só precisamos expressar parte da informação, pois as pessoas já possuem o resto porque também ativam seus modelos mentais através de suas experiências em relação a determinado assunto ou fato. A informação que falta é inferida pelo destinatário. As proposições que se formam neste modelo mental, mas que não estão explícitas no discurso, formam o que o autor chama de significado implícito de um discurso.

Em relação a esse tipo de significado, NÓS podemos observar em “Sobre o conceito da perfeição da Imagem Verdadeira (*Fonte de Luz*, jul./2003)”, como a proposição (Imagem Verdadeira) remete ao conceito de que, sendo filhos de Deus, somos feitos à sua imagem e semelhança de perfeição, que é formada pelo modelo mental do destinatário que reconhece os preceitos da instituição imediatamente ao ler Imagem Verdadeira, pois já sabe do que se trata porque já formou seu modelo mental em relação a esse conceito.

Já ELES, os que não fazem parte da instituição, poderão fazer diferentes leituras do mesmo conceito, dependendo de suas experiências pessoais, de seus modelos mentais.

Retomando o quadrado ideológico proposto por van Dijk, podemos mostrar as estratégias opostas em diferentes segmentos do artigo do mestre:

- Dizer coisas positivas sobre NÓS

No ser humano existe um “motor” que o impele a progredir incessantemente. Há pessoas que usam essa força para melhorar cada vez mais (*Fonte de Luz*, fev./ 2004). (NÓS, os adeptos que aceitamos a doutrina, somos privilegiados em relação aos outros, ELES)

- Dizer coisas negativas sobre ELES

“e outras que a desperdiçam” (*Fonte de Luz*, fev./ 2004). (aqueles que ainda não se convenceram de tal argumento).

- Não enfatizar coisas negativas sobre NÓS

Pelos exemplos citados, podemos perceber que a verdadeira liberdade difere da conduta arbitrária, desordenada (*Fonte de Luz*, jul./2003).

- Não enfatizar coisas positivas sobre ELES

Existem muitas pessoas que não compreendem algo tão óbvio. Esse tipo de pessoa acha que seria uma maravilha se tudo fosse livre, se não existisse regras para nada (*Fonte de Luz*, jul./2003).

Essas muitas pessoas são ELES, os que não compreenderam a verdade pregada pela instituição, que defende a liberdade com responsabilidade através de regras de comportamento.

O objetivo da instituição Seicho-No-Ie é aplicar sua filosofia na prática do cotidiano, enfatizando que as pessoas precisam mudar seus valores e atitudes para alcançar seus ideais:

Também as pessoas, para concretizar o ideal latente, devem esforçar-se constantemente em absorver conhecimentos, coletar dados, organizá-los e colocar em prática tudo o que aprenderam (*Fonte de Luz*, fev./2004).

Da mesma forma, as ideologias do grupo podem afetar o conhecimento, apesar de este ser considerado livre de ideologias. O conhecimento, por basear-se em evidências científicas, pode estabelecer uma ideologia de forma que ela não seja questionável, como é o caso do artigo do mestre, cujas afirmações contêm os fundamentos da instituição e são introduzidas no texto através do recurso de autoridade, como ocorre em:

A maioria das pessoas pensa da mesma forma. Também na Teoria da Evolução de Darwin, a vida é tratada como algo sujeito à lei da selva, na qual os mais fortes devoram os mais fracos... Porém a Vida que reverenciamos não é a vida manifestada no plano fenomênico... é a Imagem Verdadeira da Vida (*Fonte de Luz*, set./2003).

Aqui o mestre contesta a Teoria da Evolução de Darwin e procura apresentar sua teoria em oposição àquela, sustentando uma evidência respaldada pela sua autoridade, como forma de validá-la.

Neste exemplo, fica evidente também a oposição NÓS X ELES, quando o mestre fala que a maioria das pessoas pensa da mesma forma, mas Nós, da Seicho-No-Ie, somos diferentes e pensamos de outra maneira, fazendo com sua audiência sintam-se privilegiada ao pertencer e adotar os preceitos da instituição, pois seriam pessoas diferentes da maioria, do comum.

Em outra afirmação, o mundo da fé e o da ciência são contrastados, com uma evidente tomada de posição: “A Seicho-No-Ie prega a respeito do mundo da Existência Verdadeira, e não a respeito do mundo fenomênico, que é visível aos olhos físicos (*Fonte de Luz*, jul./2003).”

Nessa passagem, o autor afirma categoricamente que o mundo material, que é visível aos olhos, o universo onde nos inserimos no nosso cotidiano, nosso corpo, casa, pessoas, etc., não são o objeto de interesse da doutrina que enfatiza um mundo da imagem verdadeira, como se esse mundo fenomênico em que transitamos não fosse verdadeiro, negando assim a importância do mundo material e criando um mundo ilusório que seria supostamente o mundo real.

Esse posicionamento certamente vai contra o senso comum das pessoas que acreditam no que vêem e circulam nesse mundo fenomênico. Podemos observar a força argumentativa do autor, que discute com veemência esse mundo ideal, que certamente não é o mundo no qual estamos inseridos, na tentativa de ganhar a adesão da audiência, a fim de convencê-la de sua doutrina, de sua ideologia.

A identificação do grupo muitas vezes depende de estratégias de repetição de conteúdos até a sua completa assimilação. No artigo de *Fonte de Luz*, out/2003, podemos observar como a escolha lexical do mestre leva o leitor a assimilar o fato de que NÓS, da Seicho-No-Ie, devemos acreditar que “os seres vivos vivificam uns aos outros” através de atitudes de gratidão e generosidade.

No texto em questão, é apresentado o exemplo de uma jovem que oferece alimento a um dos Budas (Sakyamuni) sem esperar nada em troca. Ao acreditarmos nesta verdade, nos diferenciamos DELES, os outros, que não são membros da Seicho-No-le e que não compartilham dessas idéias.

O levantamento lexical constatou que:

- a palavra *vivificar* aparece treze vezes ao longo do texto;
- a palavra *vida* aparece quatro vezes;
- a palavra *vivo* aparece oito vezes ;
- a palavra *gratidão* aparece quatro vezes.

A recorrência no uso dessas palavras visa convencer o leitor, pela repetição, a internalizar a doutrina que apresenta como um dos fundamentos básicos que “a reverência à vida é a base do ensinamento do mestre”, pois, ao agradecermos e vivificarmos uns aos outros, estamos reverenciando a própria vida. O autor pretende reiterar os fundamentos da doutrina através do mecanismo de repetição contínua de certas palavras que acabam sendo incorporadas à memória episódica do leitor e conseqüentemente podem gerar uma modificação de atitudes e de um posicionamento ideológico.

CAPÍTULO 4 – O ARTIGO E O MESTRE

4.1 Características formais

O artigo do mestre divide-se em duas (as do ano de 1996) ou três colunas verticais (geralmente as do ano 2000 em diante). Um dos objetivos de se dividir o texto em colunas é torná-lo mais “digerível” aos olhos do leitor, que, ao deparar-se com enunciados aparentemente mais curtos, não desiste de ler à primeira vista.

A assinatura do artigo, em 1996, situava-se logo abaixo do título, em posição centralizada. No ano de 2000 e 2001, continuava abaixo do título, mas acrescida de um sublinhado. No ano de 2002, começou a aparecer acima do título do artigo, entre duas linhas. Em 2003, continuou acima do título, sem sublinhas, mas com tipos maiores do que o das assinaturas anteriores. A posição privilegiada, sobre o título, salienta de imediato a autoria. O artigo é o mais importante da referida publicação, visto ser escrito pelo próprio idealizador e fundador da organização, uma autoria fidedigna.

No artigo do mestre, o título, que ocupa posição de destaque no texto, além de atrair a atenção do leitor para o assunto e dar início à compreensão da informação veiculada, traz conteúdos ideológicos que merecem ser exemplificados.

O título “Vamos nos divertir com as dificuldades” (*Fonte de Luz*, mar./2004) sugere que é possível haver diversão em meio às dificuldades. O par opositivo – diversão X dificuldades – desperta a curiosidade do leitor, que talvez viva em meio a muitas dificuldades e vê uma possibilidade de aliviá-las através de alguma fórmula mágica, criando, assim, a ilusão da reversibilidade do discurso. O título convida o leitor, através do NÓS inclusivo, a embarcar na viagem de ler o texto, pois é persuadido para tal.

Em “A Verdade da Inexistência da Doença” (*Fonte de Luz*, nov./2000), o mestre afirma que a doença não existe e que isso é uma verdade, indo

novamente contra o senso comum da maioria das pessoas que adoecem freqüentemente ou que se encontram doentes, ou que já viram ou conhecem alguém doente. Esse tipo de afirmação é de certa forma apelativa e reforça um dos fundamentos da doutrina, que diz que todo sofrimento é uma ilusão criada pela mente do indivíduo. Assim, o leitor desperta seu interesse pela leitura por tratar-se de um assunto fora do usual.

Outro título que merece alguns comentários é o seguinte: “O Corpo Carnal, de Acordo com a Mente, pode ser Saudável ou Doente” (*Fonte de Luz*, abr./2001). As palavras *corpo carnal*, escritas em letras bem maiores do que o resto da sentença, já de início chamam a atenção do leitor e fazem com que ele ative os esquemas cognitivos que tem dessas palavras, que não são de ordem espiritual e que poderiam muito bem ser encontrados em publicações eróticas. Passado esse primeiro contato com o apelo erótico, o leitor ajusta a informação e relaciona-a então à esfera mental, que determinará se esse corpo será saudável ou doente. Tal poder conferido à mente faz com que o leitor seja persuadido a embarcar na leitura do texto, a fim de adquirir o domínio de seu próprio corpo, o que provavelmente se dará nos ensinamentos apresentados a seguir pelo mestre.

São recorrentes, também, nos artigos do mestre, os entretítulos, cada um dos títulos que subdividem a matéria em vários trechos destacados. O entretítulo é um recurso gráfico-visual destinado a tornar o texto mais atraente, menos cansativo e mais fácil de se ler.

Num dos artigos de *Fonte de Luz*, jan./2004, há três entretítulos, todos inter-relacionados, cujo principal objetivo é enfatizar alguns dos argumentos usados no decorrer do texto, para que o leitor reflita sobre o assunto com maior intensidade ao se deparar com eles:

1º entretítulo: “Em tudo existe a força para progredir infinitamente” (ou seja, mesmo os acontecimentos negativos visam ao progresso, pois esse mundo é movido e sustentado por tal força);

2º entretítulo: “Não desanime diante da situação adversa” (então, tendo consciência disso, devemos manter a visão otimista);

3º entretítulo: “Como chegar logo ao porto da esperança” (isso acontece através da prática dos ensinamentos da doutrina).

Outra característica formal do artigo do mestre é a presença de ditos como nota de rodapé, sempre na mesma posição, na página da direita. Esses ditos representam a doutrina da organização em frases curtas. Chamam a atenção do leitor pela brevidade e pela localização no artigo, abaixo, ao final da zona terminal, o que representa mais uma estratégia de divulgação da doutrina, pois é por aí que o olhar do leitor sairia da página, tornando-se mais um instrumento de divulgação de sua doutrina. Por exemplo, “O universo está preenchido pela força criadora de Deus” (*Fonte de Luz, abr./2001*).

Essas notas de rodapé, como constituem a última informação da página, são internalizadas e assimiladas quase que imediatamente pelo leitor, pois sua posição estratégica indica que nenhum outro argumento virá depois delas.

4.2 A figura do mestre

Recurso formal importante usado pelo autor do artigo é a divulgação de sua foto, como signo icônico, o que representa a heterogeneidade das formas textuais, associando duas linguagens, a verbal e a não-verbal, tornando o texto bastante rico em elementos sinalizadores. Até o ano de 2001, a foto localizava-se ao centro, no eixo da zona ótica, sem a legenda com o seu nome.

A partir de 2002, a foto desloca-se para a parte superior da zona 4, na dobra de página, apresentando a seguinte legenda: Sagrado Mestre Masaharu Taniguchi. Agora o seu nome aparece duas vezes, antes do título e na legenda. A mudança de lugar da foto é uma estratégia para ocupar o início da zona 4 (zona morta), para otimizá-la com um signo visual que chamaria mais a atenção do leitor e tornaria o texto menos denso.

Como já vimos na revisão da literatura, todo texto procede de um enunciador, é sustentado por uma voz. E esse texto encarna as propriedades

associadas ao comportamento do enunciador, o *ethos*. A foto, presente em todos os artigos do mestre, facilita a construção dessa personalidade logo de imediato, pois a figura de um mestre, definido como sagrado, com idade avançada, semblante sereno, transmite confiança e fidedignidade, qualidades fundamentais para garantir a adesão do leitor que procura nesse gênero textual a resposta às suas dúvidas.

Ao repassar a sua visão do mundo, o mestre desempenha o papel de fiador do que é dito. O leitor constrói a figura do fiador através de diversos indícios textuais, atribuindo-lhe um caráter, com vários traços psicológicos e uma corporalidade, que se refere a uma compleição física, uma maneira de se apresentar no espaço social.

No caso em estudo, a construção da figura do enunciador é facilitada e reforçada pela foto do mestre, que sugere uma pessoa de idade e com conhecimento. Na cultura oriental, as pessoas, ao completarem 60 anos, começam uma nova fase de vida, onde a sabedoria da experiência é valorizada e respeitada, facilitando então a construção da figura do fiador. Esse caráter e essa corporalidade do fiador provêm de um conjunto de representações sociais valorizadas.

Em *Fonte de Luz*, nov./2000, o fato de o autor-mestre mencionar um ser divino, superior, logo no início do texto, leva o co-enunciador a confiar em seus argumentos e aceitá-los sem outros questionamentos, reforçando assim, a força do argumentador na figura do fiador:

Deus é a Grande Vida imanente do Universo que nos vivifica, e é dessa Grande Vida que cada um de nós recebe vida. Não só Vida, recebemos tudo, desde teto até comida e roupa.

Assim, a qualidade do *ethos* remete à imagem desse fiador que, por meio de seu discurso, confere a si próprio uma identidade compatível com o universo de seu enunciado e vai gerar uma ação sobre o co-enunciador (leitor), a incorporação. O co-enunciador assimila esquemas de um sujeito, pela

maneira de controlar seu corpo, da forma específica de sua inserção no mundo, muitas vezes até imitando seu modelo de conduta.

A partir das considerações feitas sobre a figura do mestre como fiador, enfatiza-se a importância do emprego de tipos específicos de argumentos na produção do artigo. Esse é o caso do argumento de autoridade. Na discussão dos princípios da organização, quanto mais importante for a autoridade mencionada, mais indiscutíveis serão suas palavras. A autoridade supera todos os obstáculos que a razão poderia opor-lhe, revelando, então, seu aspecto peremptório e absoluto.

Dois exemplos demonstram a força dessa autoridade: "Jesus ensinou: - Buscai, em primeiro lugar, o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão dadas por acréscimo" (*Fonte de Luz*, out./1996). O argumento é introduzido pela autoridade máxima que é o filho de Deus, Jesus, que viveu aqui na terra e que é o representante máximo do catolicismo.

E, ainda: "Conta-se que Rinzai, grande sacerdote budista que viveu na China, no século IX, afirmou o seguinte: Mesmo que se busque por todo o país, não se encontrará sequer uma pessoa que não esteja salva, pois, na essência, todos são seres búdicos" (*Fonte de Luz*, set./2003).

Nesse exemplo, o autor recorre à figura de um grande sacerdote budista, o que confere autoridade aos seus argumentos, que afirmam que todos somos seres iluminados (búdicos) e que assim todos seremos salvos. Essa segurança dada ao leitor reforça, mais uma vez, a crença na salvação da alma se adequarmos nosso ser aos preceitos da instituição.

Quando uma pessoa ou um agente é considerado um ser perfeito, divino, a idéia que se faz de seus atos vai beneficiar-se da opinião que se tem do agente, no caso, Deus. E esta opinião inquestionável se torna inatacável, tendo um grande poder de persuasão, como vemos no exemplo onde o autor tenta convencer o público leitor de que o caminho da salvação passa pela abertura do canal de comunicação com o poder Divino, que tudo cria e tudo pode:

Aquele que deseja receber a provisão infinita deve retirá-la do Banco da Provisão Infinita de Deus. Em vez disso, as pessoas fecham esse Banco, dizendo “Até aqui é meu”, represam a corrente da provisão infinita e não a deixam fluir. Para nos ligarmos diretamente a Deus, basta retirarmos essa barreira (*Fonte de Luz*, nov./2000).

Nos três segmentos retirados do texto do artigo do mestre, podemos observar como o recurso à autoridade é recorrente e bastante explorado pelo autor, que, ao fazer uso desta estratégia de argumentação, ganha a adesão quase que imediata de seus seguidores. Não é, assim, necessário o uso de muitos argumentos para convencer a audiência.

4.3 Estruturação básica dos textos

Duas possibilidades de estruturar os artigos do mestre foram encontradas: situação-avaliação e hipotético-real. No seguinte exemplo da revista *Fonte de Luz*, nov./2000, as etapas da situação, avaliação e base argumentativa são explicitadas.

A sra. Kikuyo Maki, que relatou experiência no Grande Seminário Realizado na Sede Internacional da Seicho-No-Ie, disse que possuía apenas 1.100 ienes. Ela participou de uma Reunião de Leitores na casa do sr. Okochi, ouviu palestra sobre contribuição como dizimista especial da Missão Sagrada, inscreveu-se ali mesmo nessa categoria e entregou 1.000 dos 1.100 ienes que possuía. Restaram-lhe nas mãos apenas 100 ienes. “Que farei, quando este dinheiro acabar?” Ela assim se preocuparia, caso raciocinasse com a inteligência humana, mas o fato foi que, depois disso, recebeu tantas encomendas de trabalhos em tricô que fazia em casa, que ela precisou suar muito para dar conta dos pedidos, manifestando-se dessa forma a provisão infinita. Foi este, em linhas gerais, o relato de experiência dela.

A apresentação da situação se dá através de um relato de experiência com a utilização de modalidade retórica *narrativa*, com os verbos no passado. O fato ocorreu num certo local e tem a função de situar o leitor num contexto para uma posterior avaliação.

A referida senhora teria ficado desesperada se não acreditasse na manifestação da provisão infinita, um dos preceitos da doutrina. Ao argumentar que ela se preocuparia se raciocinasse com a inteligência humana, leva-nos a crer que o fato de a senhora ter entregado quase todo o dinheiro para a

instituição a torna uma pessoa inteligente, pois, afinal, a palestra era exatamente sobre contribuição monetária, o dízimo da igreja tradicional. A senhora, como certamente se considerava inteligente, contribuiu com seus últimos ienes. Isso é o que se espera que o leitor assimile, e assim aja, quando for solicitada sua contribuição monetária para a instituição.

A fase da avaliação inicia quando o autor introduz uma questão no artigo: “Por que isto acontece?” Seguem-se enunciados categóricos, baseados em crenças partilhadas pelo grupo:

Por que isto acontece? Deus existe imanente no Universo e é o criador de tudo. Foi Ele quem criou tudo, seja mina de ouro, de prata ou de cobre. Por isso, aquele que deseja receber a provisão infinita deve retirá-la do Banco da Provisão Infinita de Deus.

A base argumentativa sugere ao leitor que, através de uma condição implícita (se você deseja receber a...), ele deve acreditar que existe um banco de provisão infinita, que tudo pode e tudo dá para aqueles que acreditarem. Essa comparação de um banco ilusório, cujo dono é Deus, com um banco tal qual o conhecemos, confere um caráter material ao argumento, tornando-o então plausível.

Esse caminho é um caminho imaginário que levaria o leitor ao banco também imaginário que forneceria o dinheiro necessário. É mais sensato acreditarmos que a senhora, ao mencionar o seu tipo de trabalho, fez uma espécie de divulgação e recebeu vários pedidos de pessoas que se comoveram com sua história.

A avaliação final da situação, introduzida pela conjunção conclusiva, através de um enunciado *expositivo*, é representada pela relação entre o verbo *desejar* e o verbo que denota obrigação *dever*, no presente.

A estrutura hipotético-real é também uma possibilidade de apresentação da doutrina. O exemplo a seguir apresenta essa estrutura:

Geralmente, os doentes são tomados pelo sentimento de temor. Temem o agravamento da doença e a morte. Ficam pensando “Esta doença não irá se agravar e me deixar paralisado?” “Não irá piorar e acabarei morrendo?”. Por pensarem desta forma, a doença se agrava ainda mais, e eles acabam à beira da morte. Pela força do temor, a força vital deles fica tolhida, o que obstrui o fluxo da força restauradora da Grande Vida. Acabando esse sentimento de temor, é retirado o obstáculo que impedia a força restauradora de se manifestar, e a doença cura-se naturalmente. Portanto, é bom, em primeiro lugar, acabar com o sentimento de temor das pessoas. Se você vai visitar um amigo doente, ou outro doente a pedido deste, pensando em curá-lo, a primeira providência que deve tomar é acabar com o sentimento de temor dele e tranquilizá-lo. Ainda que a vida terrena dele chegue ao fim e ele acabe morrendo, é bom que isso aconteça com a mente tranquila (*Fonte de Luz*, nov./2000).

O primeiro elemento, hipotético (...os doentes são tomados pelo sentimento de temor. Temem o agravamento da doença e a morte...) apresenta a visão do outro, com o verbo na terceira pessoa do plural, *eles temem*. Essa é a declaração a ser confirmada ou negada. O segundo elemento, o real, (Por pensarem dessa forma, a doença se agrava mais ainda, e eles acabam à beira da morte.) apresenta a negação do discurso de outrem. O escritor rejeita o elemento hipotético e apresenta sua visão através de uma conclusão (Portanto, é bom, em primeiro lugar, acabar com o sentimento de temor das pessoas.)

Esse tipo de padrão textual revela ou uma similaridade entre duas perspectivas, ou uma oposição, um conflito entre elas. Aqui, o autor, com o uso do modalizador *deve* como sinalizador, opõe-se ao termo hipotético apresentado sobre o temor / medo da morte (...a primeira providência que deve tomar é acabar com o sentimento de temor dele...).

É preciso, também, ressaltar a importância dos marcadores responsáveis pelo funcionamento do padrão hipotético, cujo objetivo é facilitar a tarefa de compreensão do leitor.

Em *Fonte de Luz*, nov./2000, o mestre apresenta uma sinalização facilitadora, com a repetição da locução *por mais que* (=embora). Ele utiliza a estratégia da antecipação que já anuncia que o argumento introduzido pelo “embora” vai ser anulado: “Por mais que acabemos com o temor da pessoa,

por mais que a orientemos corretamente”,...”Por mais saudável que seja, um jovem que trabalhava vigorosamente até ontem pode estar morto hoje, vítima de ataque cardíaco”, ou seja, o resultado não será atingido. Tal inferência reforça o padrão das estruturas textuais básicas, facilitando o processo argumentativo.

4.4 Modalidades retóricas

Retomando a distinção de Meurer entre gênero (artigo) e modalidade retórica (narrativa, descritiva, exortativa, etc.), analisaremos aqui a função das modalidades retóricas na visão do mundo, na interpretação dos eventos, no monitoramento das práticas sociais dos membros da Seicho-No-Ie.

O uso da narrativa para introduzir o contexto de situação e como ilustração para a argumentação, tem a função unificadora na construção de conceitos do que é comum a todos. As histórias são apresentadas como um esquema mental ou cenário para a apresentação e discussão de determinados tipos de comportamento.

A narrativa, como elemento unificador e construtor da comunidade, possui o potencial de encapsular as dificuldades e soluções humanas, sendo as dificuldades possivelmente similares àquelas que os leitores estão enfrentando. Na estrutura narrativa, os leitores podem ver-se num espelho de ações visíveis de acontecimentos. Eles são expostos a eventos nos quais podem identificar-se com outros seres humanos dentro de comunidades sociais similares.

A função do relato para a instituição é o de aproximar a audiência, identificá-la com os sofrimentos do mundo, mostrar que todos são humanos; assegurar que não estamos sós, que juntamente com outros compartilhamos dos mesmos problemas e possíveis soluções.

Minha vida nessa época era triste e sombria. Assim, perdi praticamente tudo no grande terremoto de Tóquio, ocorrido em 1º de setembro de 1923, e voltei para Kobe, minha

terra natal. Ali, passei a praticar a concentração mental todos os dias. Certo dia, durante a concentração mental, ouvi uma voz que veio do alto e soou como o ruído de um vagalhão. – O homem é filho de Deus – proclamou a voz solene, como se fosse a voz do próprio universo (*Fonte de Luz*, set./2003).

Nessa narrativa, com os verbos no passado, o autor, a partir de um relato pessoal, pretende esclarecer a questão da importância da prática da meditação Shinsokan diariamente, e que tudo está e é criado pela mente que tem o poder de transformar a realidade do ser, bastando acreditarmos.

A voz que veio do alto, e que provavelmente foi sua voz interior, confere um sentido mágico ao discurso, enfatizando a ideologia da instituição, que não poderá ser questionada, devido ao seu caráter divino. Assim, o leitor se identifica com a situação narrada e procura acreditar na solução apresentada através da narração, que é a de que Deus existe imanente no Universo e o homem é seu filho, portanto herdeiro de todo seu poder. O homem, ao investir-se desse poder que lhe é conferido, sente-se seguro e projeta esses valores em atitudes sugeridas pela narrativa que é a prática da meditação diária.

A modalidade retórica descritiva também desempenha papel importante na organização do artigo. Especialmente a partir de 2002, foram inseridos nos artigos quadros descritivos (paisagens, árvores, flores, nuvens, cascatas, cidades) que não são necessariamente vinculados às descrições verbais, mas servem para despertar a atenção do leitor ou propiciar um momento de reflexão.

As descrições verbais, com verbos de estado, de situação, verbos relacionados com a visão, adjetivos, não têm um fim em si mesmas, mas servem como meio para glorificar a criação, por exemplo:

Observemos, por exemplo, uma folha de árvore: nela está patente a ação da Sabedoria de Deus. As nervuras se ramificam, desenhando um belo e delicado rendilhado que nenhum método artificial pode criar. Examinando uma folha por meio de um microscópio, verificamos que a sua estrutura é tão complexa e delicada que a mente humana não a conseguiria imitar (*Fonte de Luz*, jul./2003).

A modalidade expositiva é usada com o objetivo de *fazer saber*. Através de diversas definições e explicações de termos, o leitor assimila referentes comuns ao grupo.

As definições são utilizadas constantemente para difundir os princípios básicos que devem nortear as crenças e os comportamentos do grupo:

Ser perfeito significa abranger dentro de si todos os elementos, de todas as formas e naturezas. (...) A perfeição consiste em abranger as mais variadas coisas, as mais diversas formas (triangular, quadrangular, hexagonal, octogonal, etc.), diversas cores (vermelho, amarelo, alaranjado, verde, roxo, etc.) e também diversos odores (*Fonte de Luz*, jul./2003).

Há introdução de termos do budismo, que devem ser explicados e comparados com os conceitos que os membros do grupo já dominam:

No budismo, existe o termo *Muryo-ju*, que significa Vida infinita (*muryo* = infinita; *ju* = Vida). Jesus Cristo também ensinou que a Vida é eterna e exortou os homens a reverenciá-la (*Fonte de Luz*, set./2003).

O gênero artigo do mestre faz uso igualmente da modalidade exortativa, com a finalidade de aconselhar, motivar, incentivar os leitores, levando-os a aceitar a autoridade do mestre e seus comandos. Para isso, são usados verbos no imperativo, nós inclusivo, repetições, verbos indicadores de ordem, obrigação:

Desligue-se dos olhos físicos – disse alguém. Sim, devemos nos desligar dos olhos físicos. Dependê-los é atrapalhar a visão dos olhos espirituais colocando “lentes opacas”. Devemos retirar essas “lentes” e nos elevar cada vez mais, para receber diretamente a Luz de Deus (*Fonte de Luz*, ago./2003).

A modalidade exortativa pode ser acompanhada do uso de comparações, que facilitam a interpretação do texto:

Irmãos, vamos nos divertir com as dificuldades, assim como as ondas do mar brincam com os rochedos. Vamos subir alegremente pelas encostas da dificuldade, assim como os macacos sobem alegremente pelos troncos das árvores. (...) NÓS, da Seicho-No-Ie, nos divertimos com as dificuldades (*Fonte de Luz*, mar./2004).

Aqui o autor estimula o leitor a divertir-se com as dificuldades, comparando rochedos e dificuldades, e diversão com ondas do mar. Na segunda oração, ele exorta o leitor a subir alegremente os rochedos de dificuldades como macacos o fazem, comparando mais uma vez as dificuldades com troncos de árvore, tornando a assimilação da idéia de divertir-se com as dificuldades uma tarefa simples que faz parte da natureza. O uso da metáfora “encostas da dificuldade” faz parecer que a dificuldade é uma espécie de montanha, que deve ser escalada com alegria, fazendo do leitor um alpinista, ou talvez um macaco, ou quem sabe ambos. O Nós fica bem claro e diferencia-se dos outros que não são da Seicho-No-Ie e que, portanto, não sabem divertir-se com as dificuldades.

Através dos exemplos anteriormente comentados, vê-se de que forma se relacionam os conceitos de gênero e modalidade retórica: na composição do artigo do mestre, intervêm várias modalidades, narrativas, descritivas, expositivas, exortativas. Mas com o uso dessas modalidades, o mestre não busca apenas narrar fatos, descrever pessoas, coisas ou sentimentos, dar explicações neutras sobre fatos ou somente aconselhar em momentos de dúvida.

As modalidades são usadas com o objetivo de influenciar o comportamento dos membros da organização Seicho-No-Ie, procurando convencê-los a agir de modo diferente ou a continuar a agir do modo que agiam. Contribuem para isso a introdução de termos desconhecidos, a criação de novos referentes, a comparação com situações já vividas, a oportuna narração de experiências que servem de exemplos de comportamento.

CAPÍTULO 5 – AÇÕES, CONEXÕES E MODALIZADORES

5.1 Atos de fala

Na pregação de um sistema de crenças com o objetivo de unificar um grupo, uma pessoa, em situações específicas, pode realizar diferentes atos de fala, como asserção, pergunta, acusação, promessa, ameaça.

Os atos de fala não diferem muito de falante para falante ou grupos sociais, pois eles são aprendidos na infância e podem ser usados virtualmente por todas as pessoas. Os atos só diferem nos casos institucionalizados, quando membros dominantes, ao se dirigirem aos membros de grupos dominados, recorrem mais freqüentemente ao comando e ameaças. Considerando a dimensão social apresentada no artigo do mestre, podemos identificar a recorrência de atos de fala e suas implicações de cunho ideológico.

As *perguntas* são recorrentes nos textos do artigo do mestre e servem para introduzir o tópico ou assunto a ser desenvolvido. O leitor envolve-se no tópico e, ao mesmo tempo, espera a resposta que virá a seguir. Observamos nos exemplos que se seguem como o autor/enunciador faz uso deste tipo de estratégia para criar esse envolvimento com o leitor:

- O que é Vida? O que é sabedoria? (*Fonte de Luz*, jul./2003)
- Mas, afinal, em que consiste a Verdade preconizada pela Sheicho-No-le? (*Fonte de Luz*, set./2003)
- Afinal, o que é essa energia misteriosa chamada Vida, que nos mantém vivos? (*Fonte de Luz*, set./2003)
- “Por que o tesouro infinito está oculto?” (*Fonte de Luz*, ago./2003)

Essas perguntas, apresentadas de forma direta e concisa, sugerem ao leitor que a resposta virá como uma fórmula pronta para ser colocada em uso, deixando-o preparado para a adesão ao argumento. O que vem a seguir, na

verdade, são os preceitos que norteiam a doutrina e são respondidos para que o leitor os assimile.

A *asserção*, por sua vez, forma basicamente a estrutura de todos os textos do artigo do mestre, pois é através dela que esses preceitos são ensinados e é por este tipo de ato de fala que a ideologia da instituição é repassada. Entre eles podemos citar:

A Seicho-No-Ie prega a respeito do mundo da Existência Verdadeira, e não a respeito do mundo fenomênico, que é visível aos olhos físicos. (...) O Universo é sustentado pela grandiosa energia vital d'Aquele que é perfeito, possuidor de luz infinita, vida infinita, sabedoria infinita, amor infinito, harmonia infinita, provisão infinita, liberdade infinita (*Fonte de Luz*, jul./2003).

O Movimento baseia-se numa filosofia otimista de vida e na conscientização da preciosidade da vida, a crença essencial de que somente o mundo da Imagem Verdadeira criada por Deus é realidade, e de que o homem criado por Deus já possui todas as virtudes: sabedoria infinita, amor infinito, provisão infinita, vida infinita, alegria infinita e harmonia infinita, bastando a conscientização para que isto se manifeste (Taniguchi, 2000).

Nesses exemplos, a definição de Deus e do homem é feita através da reiteração do adjetivo “infinito”, deixando claro para o leitor que tudo em Deus é pleno e não se esgota, e que essa é a energia que sustenta o universo e, portanto, sustenta a nós, indivíduos que cremos nesse conceito de Deus.

Já a *ameaça*, embora não muito explícita, apareceu, muitas vezes, no texto, também através da estrutura condicional. O objetivo de inserir a ameaça na estrutura condicional pode ser o de chamar a atenção do leitor, caso ele também incida num determinado tipo de falha (condição) e sofra as mesmas conseqüências, caso elas venham a se cumprir. Assim, o leitor pode vir a ser convencido a não agir de tal forma e sim de outra, para que não venha a sofrer tal e tal conseqüência. No exemplo a seguir, descreveremos como se dá este processo.

Assim sendo, se a esposa vive ressentida com o marido, queixando-se dele ou odiando-o, esse “endurecimento da mente” pode manifestar-se em parte do corpo que simboliza o relacionamento entre marido e mulher, manifestando doenças como câncer ou mioma no útero dela. A mente produz e dispõe as células “da forma que deseja”,

podendo formar tumores no organismo. A mente é, dessa forma, força motriz dotada de intencionalidade (*Fonte de Luz*, abr./2001).

Pela determinação do sujeito, esposa, o leitor se familiariza de quem se está falando (o referente). A condição imposta sobre ela de que vivendo ressentida com o marido (o referido), queixando-se (do quê?) ou odiando-o (por que ela o faria?) ela sofrerá de câncer ou mioma no útero dela. Essa condição de submissão da mulher faz parte da cultura da sociedade japonesa. Assim o mestre tenta se valer disso para apresentar um dos preceitos da instituição, que é o fato da mente determinar os acontecimentos expressos na *asserção*.

Fica claro para o leitor que, se ele infringir (através de ressentimento e ódio) a lei mental, ele sofrerá as conseqüências (câncer ou mioma). O que não fica claro é qual o problema que a esposa teve e quem causou a situação, ou seja, a culpa é da mulher, não importa o que quer que tenha acontecido. Que tipo de leitor faria essa leitura?

Qual a leitura desejada pelo autor senão a de que, não sendo cumpridas as condições necessárias, ela sofrerá as conseqüências? As doenças, por coincidência, são típicas das mulheres atualmente. Ou seja, para que outras mulheres leitoras não venham a sofrer de tal mal, é melhor que aceitem seus maridos, não importa o que eles tenham feito. Elas não podem alimentar ódio nem ressentimento em seus corações obedientes.

Estamos diante de um discurso ideológico que perpetua o poder masculino, sem considerar as diferenças culturais, pois há países que já enxergaram essa opressão e, ao longo das últimas décadas, operaram mudanças no perfil do relacionamento homem x mulher. Como o objetivo desta pesquisa não é o discurso do poder masculino, deixaremos esta questão de competição de sexos para outra pesquisa de maior fôlego.

5.2 Conexões oracionais e modalização

Ao organizar um texto, o autor recorre a um conjunto de recursos para prestar informações ao leitor de vários tipos: sobre a função das partes de seus

enunciados em relação ao todo (relações oracionais) e sobre sua proximidade ou afastamento em relação às afirmações que produz. Assim, há certas características que se repetem ao longo do texto e vão ser aqui analisadas: o funcionamento das conexões oracionais e dos modalizadores.

5.2.1 Relações de causa-conseqüência

Num ato que podemos classificar de “ameaça velada”, podemos observar as relações de razão-conseqüência, introduzida pelo conector *como*:

Como a pessoa represa essa corrente da Grande Vida e não a deixa fluir livremente, a força vital não se manifesta integralmente, podendo acontecer até a morte prematura por doença, apesar de sua hora ainda não ter chegado (*Fonte de Luz*, nov./2000).

No segmento, a razão de a força vital não se manifestar totalmente está relacionada com a culpa da pessoa que bloqueia os ensinamentos da organização. A conseqüência aparece na oração marcada pelo operador *até*, que sinaliza o argumento mais forte da conseqüência, que é a morte prematura. A ameaça é velada porque o modalizador “podendo” funciona aqui no eixo do *crer* e não do *saber*. Mesmo assim, a pessoa é advertida: já que não deixa fluir a grande vida, ela sofrerá as conseqüências, que podem levar à morte prematura. Não vale a pena arriscar o sofrimento das conseqüências.

Outra manifestação da relação de causa-conseqüência pode ser observada em:

Causa: Seus braços não podem ser dobrados porque você é teimoso.

Conseqüência: e o doente, refletindo, pensa “Ah, eu era teimoso. Doravante serei mais flexível”. Nesse instante, o orientador diz “Levante os braços”, e estes levantam-se facilmente (*Fonte de Luz*, nov./2000).

Nesse exemplo, o autor tenta convencer o leitor de que ser teimoso traz conseqüências negativas como, por exemplo, a imobilidade dos braços, e que basta seguir as orientações de mudança de atitude mental para que, num passe de mágica, o indivíduo alcance benefícios físicos.

O sistema de pergunta-resposta torna evidente a relação de causa-efeito entre as orações (o que aconteceu antes disso? qual foi a causa? o que você conclui?). O autor de um texto faz uso de processos cognitivos, acrescentando novas orações sempre à luz de todas as outras orações do texto.

Nos atos de aconselhamento, o mestre pode fazer uso dos modalizadores da certeza (devem ser) e da dúvida (pode falar), unindo-os à comparação de ações, eventos, pessoas:

E os relatos de curas verídicas devem ser do mesmo tipo de doença do paciente. Se entre as curas que consegui não houver nenhuma do mesmo tipo do doente, pode falar sobre experiências vividas por outras pessoas. Conte-lhe que pessoas com a mesma doença dele foram curadas através dos ensinamentos da Seicho-No-le (*Fonte de Luz*, nov./2000).

No excerto, o que é verdadeiro para x (relatos de pacientes), é verdadeiro para y (pessoas com a mesma doença), em relação ao aspecto A (a cura). Podemos observar também, nesse exemplo, o relato de experiência, muito utilizado pela doutrina para introduzir os tópicos a serem assimilados e para fazer com que o leitor se identifique com os problemas que afligem outras pessoas. Assim, todos podem ser salvos através dos ensinamentos da Seicho-No-le, que prometem o milagre da cura.

5.2.2 Relações de oposição

Quando se exploram as diferenças entre ações, pessoas, coisas, eventos, estabelecem-se relações de incompatibilidade, que podem ser marcadas pelo operador “mas”:

É jovem não tem doença nenhuma, mas morre repentinamente, de ataque cardíaco. Isso acontece porque ele foi convocado pelo mundo espiritual, ou seja, estava na sua hora de transferir-se para o mundo espiritual. E há também pessoas que ficam anos, mais de dez ou vinte, acamadas, todas esqueléticas, sofrendo, e que não morrem logo (*Fonte de Luz*, nov./2000).

O que é verdade para x (é jovem, sem doença, mas morre repentinamente), não é verdade para y (pessoas esqueléticas, acamadas, sofrendo e que não morrem), em relação ao aspecto A (morte).

Esse tipo de argumentação serve, aqui, para trazer o leitor para a realidade, apelando para o senso comum, pois todos sabem que jovens morrem a toda hora sem adoecer e que velhos ficam anos acamados e demoram a morrer. Inclusive o chavão “estava na sua hora” é bastante conhecido de todos. O objetivo parece ser o de dar segurança ao leitor, de que apesar de apresentar uma teoria um pouco “mágica” o autor também compartilha seus conhecimentos como os demais.

No ato de asserção a seguir, o “mas” introduz o contraste da ideologia da Seicho-No-Ie (não somos criaturas imperfeitas e pecadoras) com as premissas do catolicismo, que admite a noção de pecado como forma de arrependimento e redenção (a inferência é feita pelo leitor que conhece a doutrina católica e que representa, portanto, o outro), sobre a imperfeição e o pecado do qual devemos nos arrepender se quisermos entrar no reino dos céus.

O verdadeiro arrependimento consiste em compreender que não somos criaturas imperfeitas e pecadoras, mas sim seres dotados de natureza divina eterna (*Fonte de Luz*, nov./2002).

Ocorre, nos artigos do mestre, o uso das partículas negativas, em que a negação introdutória (não tenho nada contra X mas...) é chamada de aparente, pois somente nega sentimentos adversos contra o outro enquanto o resto do discurso pode dizer (ênfaticamente) coisas muito negativas sobre os outros.

A aparente negação serve como uma forma de apresentação positiva do Nós (para que o destinatário não forme uma opinião negativa sobre o enunciador). Além desse modelo de negação aparente, existem outros tipos de negação, como, por exemplo, a concessão aparente: “Não me surpreendo por quantas vezes reprovarem, mas não deixem nunca de adestrar a mente e o corpo durante o curso” (*Fonte de Luz*, jan./2000).

Pode-se ler: É aceitável reprovar de ano (somos todos humanos e sujeitos à faltas, podemos ser ELES), mas o objetivo do estudo deve ser a educação da mente, pois NÓS, da Seicho-No-Ie, acreditamos nisto.

Pode ocorrer também a empatia aparente: “Existem pessoas que confundem a desordem com a liberdade. Mas onde não há ordem não pode existir a verdadeira liberdade” (*Fonte de Luz*, jul./2003). Ou seja, NÓS preservamos a ordem; ELES a confundem.

Todos esses tipos de negativas combinam um aspecto positivo do nosso grupo, com aspectos negativos dos outros, confirmando as contradições nas atitudes baseadas em ideologias.

A combinação entre as relações de incompatibilidade e os modalizadores pode ser vista em:

Parece ótimo poder fazer o que quiser da maneira que bem entender. Mas se todos agissem desse modo, o mundo seria caótico, pois as pessoas imporiam a própria vontade umas às outras, e não haveria a verdadeira liberdade (*Fonte de Luz*, jul./2003).

O verbo auxiliar modal “poder” apresenta uma aparente concessão que representa o eixo do crer, da possibilidade que não se confirmará, pois haveria uma consequência negativa que é introduzida pela partícula adversativa. O futuro do indicativo inscreve o enunciado igualmente no eixo da crença, de uma hipótese indesejável.

5.2.3. Relações condicionais

As relações condicionais são recorrentes nos textos propostos para a pesquisa e representam uma forma de persuasão e transmissão dos pressupostos filosófico-religiosos que norteiam a instituição à qual o autor e texto pertencem.

As orações condicionais são introduzidas especialmente pela conjunção SE e têm a seguinte forma básica: oração condicional (condicionante) seguida de oração principal (condicionada):

Se ficamos irados, nossa mente toma uma forma pronta para ‘esmurrar’ o outro... (*Fonte de Luz*, abr./2001)

Outras conjunções expressam a mesma relação básica condicional entre duas orações, como, por exemplo: *caso, que, desde que, contanto que, uma vez que, a menos que, sem que*.

Há três grandes grupos de construções ligadas à oração condicionante (se): as condicionais factuais, as condicionais contrafactuais e as condicionais eventuais.

Dada a realização, à factualidade da oração condicionante, segue-se, necessariamente, a realização/a factualidade da oração condicionada. Nesse tipo de construção, verifica-se que a conjunção se encabeça um fato apresentado como “verificado”; diz-se que determinado fato *é* ou *não é*, embora se coloque a proposição no âmbito do verificador de factualidade *se*, como podemos observar em:

Se ele morre temendo a doença incurável, sua alma, mesmo no mundo espiritual, continua temendo a doença e, assim, não ocorre a salvação (*Fonte de Luz*, nov./2000).

A condicional apresenta o fato de o sujeito *ele* morrer com o medo de uma doença incurável. A realização da oração condicionada é de que *ele* vai continuar temendo a doença se mantiver a condição apresentada pela oração subordinada, ou seja, se for mantido o fato apresentado, não há mudança.

Através da oração condicional, o autor apresenta sua ameaça de que a alma de quem morre com medo de algo, no caso da doença, não será salva. O indivíduo é então persuadido a livrar-se do medo, para que outro medo maior não se crie, que é o da não salvação de sua alma.

Uma das principais características das condicionais factuais é o verbo no modo indicativo em ambas as orações: *morre* (presente do indicativo), *continua*

(presente do indicativo), o que configura exatamente a factualidade das construções.

A natureza factual da construção condicional muitas vezes vem realçada por um elemento conclusivo que ocorre na oração principal e que pode ser explícito ou não, como podemos observar em:

se é que vão se transferir para o mundo espiritual (é um fato que), (então/daí) é melhor que isso aconteça depois de curadas (*Fonte de Luz*, nov./ 2000).

Aqui, o autor questiona o fato do indivíduo morrer ou não, ou seja, ser transferido para o mundo espiritual, dando assim a garantia de que existe vida após a morte no mundo espiritual, e que é melhor que se cure antes da transferência, crendo nos valores da doutrina que promete essa redenção.

Mas o universo das orações factuais não se resume a esse uso que marca um valor conclusivo da oração principal. Outra construção condicional factual é do tipo:

SE (oração subordinada) + É PORQUE (oração principal)

Também, aqui, há um fato que é assentado, e a conjunção *se* vem lembrar que houve uma “verificação” dessa factualidade, ou que esse fato foi preenchido por uma condição. Do ponto de vista do encadeamento de dois fatos, à segunda parte dessa construção hipotética, acrescenta-se a *causa* iniciada com o *porque*, como vemos em:

Se ocorrem fenômenos como pressentimento, é porque o subconsciente da pessoa se comunica com a consciência universal (*Fonte de Luz*, abr./ 2001).

Se introduz o fato (*fenômenos como pressentimento*); a causa está na oração seguinte: *porque o subconsciente da pessoa (...)*. O que se verifica neste exemplo é que a oração introduzida por *se* expressa uma consequência

do fato apresentado pela segunda parte do enunciado (a parte que exprime causa).

No segmento acima, o autor menciona uma consciência universal que conteria todos os acontecimentos presentes e futuros (registros acásicos do esoterismo), e que nosso subconsciente saberia de tudo que está por acontecer, e mesmo assim vai ao encontro desse acontecimento, ou seja, é o próprio indivíduo que cria todas as suas felicidades e infelicidades. Esse tipo de reflexão leva o indivíduo a refrear seus impulsos, pois a consequência já estaria predeterminada; assim, é melhor não errar.

Nas condicionais contrafactuais, a relação mais ampla expressa é a de fato => conclusão. Porém, observa-se que essa relação conclusiva, diferentemente do que ocorre com as construções factuais, se dá com a inversão da polaridade da condicionante (oração subordinada) e da condicionada (oração principal), como podemos observar em:

Se Deus não pudesse, no final da sua obra de criação, manifestar-se neste mundo como ser humano, Ele não poderia completar a sua criação (*Fonte de Luz*, mar./2000).

No exemplo acima, a condicionante tem o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo (pudesse), e a condicionada possui o verbo no futuro do pretérito, indicando o seguinte esquema:

- oração subordinada (condicionante) negativa: “se Deus não pudesse...”
→ fato com polaridade positiva: Deus pode manifestar-se neste mundo.
- oração principal (condicionada) negativa: “Ele não poderia completar..”
→ conteúdo asseverado positivo: mas completou sua obra, manifestando-se através do ser humano.

Assim, com a condicionante no pretérito imperfeito do subjuntivo, deixa-se de anunciar uma mera hipótese, que poderia ou não ser falsa, mas que, pela evidência de um tempo passado, garante a contrafactualidade das proposições postas em relação de condicionalidade.

As condicionais potenciais ou eventuais repousam sobre a eventualidade; o enunciado da oração principal é tido como certo, desde que eventualmente satisfeita a condição anunciada. A forma modo-temporal desses tipos de condicionais tem, na oração condicional, o futuro do subjuntivo, que é exclusivo desse tipo de construção, como podemos observar em:

se você renovar a visão e contemplar a Imagem verdadeira de todas as pessoas, respeitando sua natureza verdadeira, com certeza o seu relacionamento humano se tornará harmonioso e você será envolto pela paz e bem-estar social (*Fonte de Luz*, out./1996).

Nesse caso, o modalizador *com certeza* inscreve o enunciado no eixo do saber, desde que eventualmente seja satisfeita a condição anunciada da oração subordinada introduzida por *se* (*se você renovar a visão e contemplar...*).

Aqui, o autor, através da condição eventual, executa um ato de *promessa*, marcado por dois verbos no futuro. O leitor, diante de tal oferta, sente-se compelido a fechar os olhos carnis e olhar com os olhos da mente que acredita que todos os seres são iluminados (búdicos), e assim verá tão-somente a perfeição e o bem.

Ao agir assim, o adepto crê que ele é quem deve se esforçar para se relacionar melhor com os outros seres humanos, pois a sua harmonia depende de seus olhos, de sua leitura de mundo. Essa maneira de olhar o outro pressupõe aceitá-lo simplesmente como ele é, sem críticas, pois a desarmonia gera-se a partir de pontos de vista opostos, o que não pressupõe certo ou errado, apenas diferente. A luz nasce de energias opostas que colidem e geram atrito. Esse atrito é importante para produzir novas idéias, novos conceitos, novas atitudes. O autor, ao prometer que o leitor será envolto pela

paz e bem-estar social, nada mais quer que este assuma um caráter dócil, pacífico e domesticado, para que seja aceito socialmente pelos outros indivíduos. Tal ideologia é típica da igreja que controla a sociedade há séculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao final deste trabalho, podemos tecer algumas considerações sobre o estudo feito acerca do gênero artigo do mestre, da Revista *Fonte de Luz*, publicada pela Seicho-No-Ie do Brasil.

O artigo do mestre manifesta-se numa situação institucional, pois representa os valores de uma organização, visa a uma mudança de comportamento do grupo onde circula, manifesta-se também num determinado momento histórico de uma sociedade pós-moderna e cumpre sua função ideológica ao reproduzir um sistema de crenças de um grupo e seus membros através de um sujeito, o autor, responsável pela divulgação da doutrina da Seicho-No-Ie, que é o mestre Masaharu Taniguchi.

Em relação à ideologia definida em termos gerais neste trabalho como um sistema de crenças de um grupo e seus membros, podemos afirmar que esta baseia-se num conjunto de normas e princípios fundamentais que os guiará na interpretação dos eventos e monitorará suas práticas sociais. Então, é através do conhecimento sócio-cultural que representa crenças ideológicas compartilhadas por membros de um grupo e cuja adesão ou não depende da identificação do indivíduo com os valores da instituição, é que NÓS como um grupo, pertencemos, acreditamos e divulgamos os pressupostos ideológicos através do discurso, daí a sua importância neste estudo.

Definimos, também, o sistema de crenças originado das ideologias e que se organizam em seis categorias convencionais que foram exemplificadas a fim de posicionar ideologicamente a instituição que publica o texto analisado. Das seis categorias, a que mais posiciona ideologicamente a instituição Seicho-No-Ie é o critério de normas e valores, pois ali estão especificadas as normas fundamentais em número de oito e as sete declarações iluminadoras que seriam os valores da instituição e que definem o que é ser membro de um grupo através dessas crenças compartilhadas que é o que faz com que a pessoa pertença ou não ao grupo na medida em que assume tal identidade.

Esse posicionamento organiza as pessoas e a sociedade em termos polarizados NÓS X ELES, ou seja, o que é esperado de NÓS como membros de determinada instituição e qual a nossa posição em relação aos OUTROS. Estabelece-se, assim, uma relação do NÓS que pertence a essa instituição (grupo dominante) e dos OUTROS (dominados).

Assim, fica estabelecido o domínio ideológico de uns sobre outros, numa relação que privilegia o conhecimento de valores e crenças de um certo grupo em oposição aos demais, que, por desconhecerem os princípios e normas da instituição, deixam de receber os privilégios oferecidos por ela, ou seja, não são beneficiados com o seu poder de ação sobre o mundo.

Em relação à macroestrutura, observamos a ocorrência das estruturas textuais básicas do tipo situação-avaliação e hipotético-real. Esses tipos de estrutura estão presentes nos artigos analisados, pois caracterizam um dos rituais da doutrina, que é o relato de experiência. Nessa situação, uma pessoa da audiência narra uma situação, normalmente de privação, e como o problema foi superado através de uma ou mais práticas ensinadas pela instituição e o porquê de tal problema. Na avaliação da situação, o enunciador expõe a doutrina de forma que a audiência acredite que poderá ser salvo se seguir os preceitos apresentados, pois com aquela pessoa funcionou. Essa identificação com outras pessoas da audiência dá a garantia de que nós também poderemos superar certas adversidades.

Já na estrutura hipotético-real, o elemento hipotético coloca a visão de outrem (eles) sobre determinada situação, e o elemento real nega esse discurso, rejeita a hipótese e apresenta a doutrina (NÓS), deixando clara a oposição NÓS X ELES apresentada como estratégia ideológica neste estudo.

Em relação aos atos de fala de asserção, pergunta, promessa e ameaça, que foram objeto de estudo neste trabalho, pudemos observar que houve a predominância da ameaça através das orações condicionais. Quanto a esses atos de fala de ameaça, recorrentes no artigo do mestre e expressos através das orações condicionais, podemos afirmar que eles assumem o caráter de uma ameaça, embora de maneira não peremptória, mas de modo

que o leitor se familiarize com os valores da doutrina e sinta-se compelido a cumprir a condição para a realização de tal ação e a consequência da resolução da condição anunciada.

Esse tipo de construção conduz o co-enunciador à realização ou não da condição, sob pena de sofrer as consequências, muitas vezes indesejadas. A ameaça expressa através de uma condição é típica de textos cuja postura ideológica é de dominação e uso da autoridade, pois deixa pouca margem para a contra-argumentação. Podemos afirmar que esse tipo de oração esteve presente em onze, dos doze textos analisados nesta pesquisa, cada um expressando uma condição a se cumprir.

Um dos objetivos deste trabalho foi identificar a organização como sendo religiosa ou de auto-ajuda, baseado na teoria apresentada por alguns autores de ambos setores.

Com o desenvolvimento da sociedade moderna e do individualismo, o indivíduo – livre e solitário – tem de encontrar em si mesmo os meios para orientar-se na vida, assim a literatura de auto-ajuda surge como guia de condutas para a ação humana, propondo, o que seria um homem bem-sucedido, voltado para seus recursos interiores, que pelo controle da mente, busca sua auto-realização valorizando os padrões de pensamento elevados e transcendentais como se dá na religião. Através de técnicas de meditação e leitura de textos, como é o caso deste trabalho, identificamos o discurso do mestre como sendo de auto-ajuda em relação aos aspectos relacionados a seguir.

Os textos sistematizam princípios de conduta ética, com determinados conceitos que quando aplicados à conduta das pessoas, a sua vida interior faz com que atinjam seus objetivos individualizados e assim sua realização pessoal. A presença da figura do mestre espiritual é também uma das características do discurso de auto-ajuda, identificado no texto sob análise, o qual tem o dom de provocar no indivíduo o desejo de ser reconhecido, identificado e amado, pois esse indivíduo necessita de uma diretriz em sua vida, algo que lhe dê certezas.

Esses mestres demonstram segurança e determinação em suas crenças e valores a fim de convencer ou persuadir as pessoas, mais especificamente quando fazem referência à existência de uma força ou poder interior que autoriza o indivíduo para o caminho da concretização de seus ideais, pregando a idéia de que o sucesso depende de ações que estão ao alcance de todos, valorizando a estima do indivíduo.

Partindo da afirmação de que a literatura de auto-ajuda é um conjunto de técnicas de salvação da alma, levantamos mais essa característica que coloca a instituição nessa condição, pois ela apresenta certas técnicas de meditação (Sinshokan) e de repetição de certas proposições que dizem garantir o sucesso no alcance de certos objetivos.

É também uma característica do gênero de auto-ajuda a questão do poder que as sugestões produzem no indivíduo, criando a ilusão de que um dia todos os sonhos e desejos se realizarão se os princípios apresentados forem seguidos, cujo exemplo foi apresentado no corpo deste trabalho.

Em relação à identificação com as características de discurso religioso, podemos concluir que o território da espiritualidade é ocupado pelo discurso religioso que apresenta o sujeito religioso numa posição de submissão, pois Deus usa de seu verbo (poder) para falar aos homens e em seu nome, é aquele que é falado por Deus. O discurso divino, eternamente lá, realiza-se no sujeito pela sua total adesão, ou seja, sem questionamento, criando várias formas de manipulação ideológica. Essa submissão se apresenta no discurso do texto do artigo do mestre como uma das características de religiosidade, principalmente através da presença da palavra de Deus e de sua onipotência em todos os artigos analisados, colocando o leitor numa posição de submissão ao poder instituído através da palavra de Deus.

A questão da irreversibilidade do discurso que surge como resultado desse tipo de relação de submissão também foi uma das características presentes nos textos analisados, principalmente quando se afirma que o ouvinte/leitor não se manifesta sob pena de transgredir o que está instituído que é a palavra de Deus. O ouvinte/leitor não questiona, não duvida e não

transgride, pois em sua memória episódica já está instituído que a palavra de Deus é inquestionável, definitiva e eterna, delimitando assim a posição de sujeito assimétrico, onde o ouvinte/leitor é do plano temporal e o locutor é do plano espiritual (o sujeito; Deus).

Assim, conclui-se que os sujeitos homens, interlocutores, não podem ocupar o lugar do locutor, Deus. Conclui-se também que o discurso religioso e, no caso, os textos assinados pelo mestre, não possuem autonomia, pois o representante da voz de Deus não pode modificá-la. A fala ritualizada é típica do padrão de não-reversibilidade que está relacionado ao poder de dizer, do lugar de onde se fala. São fórmulas para se falar com Deus. A fala ritualizada também é uma característica do discurso religioso encontrada nos textos do artigo do mestre. São usadas também metáforas, parábolas e paráfrases com a finalidade de doutrinação.

Finalmente, o discurso dos textos analisados, além de embasar-se nas sutras budistas, possui características de ambos, do discurso de auto-ajuda e do discurso religioso, uma combinação típica da pós-modernidade onde a diversidade procura preencher as lacunas do excesso de informação na busca de vários elementos que satisfaçam o indivíduo multifacetado e que busca a salvação de sua alma, daquilo que não é só seu corpo físico, através da fé, essa energia espiritual que emana do homem e que é o canal de acesso ao plano divino, imaterial, pois no território da espiritualidade a religião é uma forma de auto-ajuda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- CHAGAS, A. T.S. *A ilusão no discurso de auto-ajuda e o sintoma social*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2001.
- CHAGAS, A.T.S. *O sujeito imaginário no discurso de auto-ajuda*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2002.
- DUMONT, L. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da sociedade moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- FARIA, M. A.; ZANCHETTA, J. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002.
- GIERING, M. E. et al. *Análise e produção de textos*. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.
- HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K., & HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. London: Oxford University Press, 1989.
- KOCH, I. V. *A coesão textual*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1991.
- _____. *A inter-ação pela linguagem*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- LIVRARIA SICILIANO. <http://www.siciliano.com.br> [Acesso em 02-05-04]
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. & MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MEURER, J. L. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L. & MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros textuais*. Bauru: Edusc, 2002.

- MEURER, J. L. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In: FORTKAMP, M. B. M & TOMITCH, L. M. B. *Aspectos da lingüística aplicada: estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular, 2000, p. 149-166.
- MEURER, J. L. *Aspects of language in self-help counseling*. Florianópolis: UFSC, 1998.
- MEURER, J. L. Esboço de um modelo de produção de textos. In: MEURER, J. L. & MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Parâmetros de Textualização*. Santa Maria: Editora da UFSM, 1997a. cap. 1, p. 13-28.
- MEURER, J. L. Estrutura textual 'situação-avaliação' e relações oracionais associativas. In: MEURER, J. L. & MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Parâmetros de Textualização*. Santa Maria: Editora da UFSM, 1997b. cap. 4, p. 61-79.
- NEVES, M.H.M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- ORLANDI, E. P. Apresentação. In: ____ (org.). *Palavra, fé, poder*. São Paulo: Pontes, 1987a.
- ORLANDI, E. P. O discurso religioso. In: _____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso*. São Paulo: Pontes, 1987b.
- PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da Argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- RABAÇA, C. A. BARBOSA, G. G. *Dicionário de Comunicação*. São Paulo: Ática, 1987.
- RÜDIGER, *Jornal do Conselho Regional de Psicologia*, n. 3, 1999.
- TANIGUCHI, M. *Comande sua vida com o poder da mente*. São Paulo: Seicho-No-Ie do Brasil, 2000.
- TANIGUCHI, M. *Sutras sagradas*. São Paulo: Seicho-No-Ie do Brasil, 1988.
- TANIGUCHI, M. *Meditação para contemplar a Deus "Shinsokan" e outras orações*. São Paulo: Seicho-No-Ie do Brasil, 1995.
- VAN DIJK, T. *Ideology and Discourse – a multidisciplinary introduction*. Internet Course for The Universitat Oberta de Catalunya (UOC), 2000. [Acesso em 29 jul.2002]

VASCONCELOS, M. L. Estrutura textual básica: hipotético-real. In: MEURER, J. L. & MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Parâmetros de Textualização*. Santa Maria: Editora da UFSM, 1997. cap. 5, p. 81-93.